

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL-
MEC/UFRGS

Luciana Pereira Rodrigues

**A ELABORAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS:
A AÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA JUNTAMENTE COM A
COMUNIDADE ESCOLAR.**

Porto Alegre

1º Semestre

2014

Luciana Pereira Rodrigues

A Elaboração da Proposta Pedagógica de uma Escola Municipal de Educação Infantil para Crianças de 0 a 3 anos: A Ação da Coordenação Pedagógica juntamente com a Comunidade Escolar.

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simone Santos de Albuquerque

Co- orientadora: Prof^a Dr^a Maria Carmem Silveira Barbosa

Porto Alegre
1º Semestre
2014

*Dedico este trabalho
a uma pessoa sábia,
guerreira e exemplo
de vida... Minha
saudosa vó Maria.*

“O tempo, muito me ensinou”

*O tempo muito me ensinou:
Ensinou a amar a vida,
Não desistir de lutar,
Renascer na derrota,
Renunciar às palavra e
pensamentos negativos,
Acreditar nos valores
humanos,
E a ser OTIMISTA.
Cora Coralina*

AGRADECIMENTOS

Carinhosamente agradeço à minha família que sempre me apoiou e incentivou desde o início, estando sempre presente em minha vida e me encorajando a seguir em frente. Ao meu grande amor e companheiro, Ricardo, que me anima e entusiasma a ir mais longe, acreditando no meu potencial e que demonstrou muita paciência e compreensão durante tantos finais de semana que me afastei devido às aulas e estudos. Sinto-me feliz em compartilhar este momento com vocês!

A minha orientadora de pesquisa, professora Simone, pela paciência, motivação, compreensão, partilha e ensinamentos demonstrados durante todo este processo de pesquisa e conclusão do trabalho.

Aos professores do curso, a bolsista Cris e as colegas da Especialização pelos encontros ricos em conhecimentos e por compartilharem tantas experiências positivas realizadas na Educação Infantil. Em especial, às colegas Maria de Fátima, Suzi e Kelly, meninas de coração grande, que se tornaram minhas amigas, me acolhendo em suas casas e em suas famílias.

A Secretária Municipal de Educação do Município de Vera Cruz que autorizou e apoiou meu estudo e a realização desta pesquisa, bem como minhas colegas, em especial, a parceira Isabel que acompanhou toda a caminhada da pesquisa.

A toda equipe da Escola Municipal de Educação Infantil- Proinfância que gentilmente acolheu a pesquisa e contribuiu muito com a construção deste trabalho. Meus sinceros agradecimentos às colegas da escola e a representante das famílias que gentilmente aceitaram ser entrevistadas. E não posso deixar de agradecer a todas as crianças da escola- razão de todo o trabalho desenvolvido e em especial, a “duplinha” que através de seus lindos desenhos representaram as entrevistadas.

Enfim, a Deus por iluminar e guiar o meu caminho.

RESUMO

Este estudo buscou investigar a ação da coordenação pedagógica municipal, juntamente com a comunidade escolar na elaboração da Proposta Pedagógica de uma Escola Municipal de Educação Infantil- Proinfância. A pesquisa de abordagem qualitativa caracterizou-se como sendo pesquisa-ação, embasada nos teóricos Barbier, Ghedin e Franco. Foi desenvolvido no coletivo da escola, utilizando como recursos metodológicos o diário de bordo da pesquisadora, o diário coletivo do grupo e entrevistas realizadas com uma pessoa de cada setor da escola. As análises dos dados consideraram três categorias: atendimento de crianças de zero a três anos de idade, o processo da elaboração da proposta pedagógica e o papel da coordenação pedagógica neste processo, considerando os estudos teóricos realizados a partir de autores como, Barbosa, Salles e Faria, Vasconcellos, Alarcão, entre outros. Constatando-se que a coordenação pedagógica teve um papel fundamental de mobilizar e incentivar a equipe da escola para a construção da proposta pedagógica acontecer no coletivo, envolvendo todos os segmentos, tendo como alicerce de todo o processo os momentos de estudo e formação na própria escola. Nesses momentos também foram incluídos e considerados os materiais e discussões propostas nos encontros de assessoramento e acompanhamento pedagógico formativo realizado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculados a uma das ações do Programa Proinfância/MEC. A pesquisa pretendeu contribuir com os estudos na área, vislumbrando possibilidades na atuação da coordenação pedagógica, bem como, apontando caminhos para a construção da Proposta Pedagógica para as Escolas de Educação Infantil.

Palavras-chave: Coordenação Pedagógica, Proposta Pedagógica, Proinfância.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1. CONSTITUIÇÕES: da professora, coordenadora pedagógica e pesquisadora e da temática pesquisa	8
2. CONTEXTOS: caracterizando a escola de educação infantil e o atendimento de crianças de 0 a 3 anos considerando a política pública- Proinfância)	17
3. DEFINIÇÕES: da Proposta Pedagógica na escola de Educação Infantil	24
4. PERCURSOS: os caminhos metodológicos trilhados	31
5. ANÁLISES: articulando os dados da pesquisa com os estudos teóricos	42
5.1. NOVO OLHAR: Especificidades do atendimento de crianças de zero a três anos de idade.....	44
5.2. “PROPOSTA PEDAGÓGICA, QUE BICHO É ESSE?” O processo de elaboração da proposta pedagógica.....	49
5.3 A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DA ELABORAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	55
6. TECENDO POSSIBILIDADES: a partir dos estudos teóricos e do vivenciado durante todo o processo	61
7. REFERÊNCIAS	66
8. APÊNDICES	70
9. ANEXO	74

APRESENTAÇÃO

Este estudo emergiu dos muitos desafios enfrentados pela coordenação pedagógica da Secretaria Municipal de Educação do município de Vera Cruz, da qual, eu, juntamente com outra colega, constituí a equipe de coordenadoras pedagógicas responsáveis pela Educação Infantil do município. A escrita do trabalho acontece na primeira pessoa, mas é necessário frisar que sempre esta colega esteve também à frente de cada ação desenvolvida.

No ano de 2013 aconteceu a inauguração de uma Escola Municipal de Educação Infantil- Proinfância (Programa de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil), a primeira do município via programa do Governo Federal e devido à demanda retida na lista de espera, optou-se em atender somente a faixa etária de 0 a 3 anos de idade, diferenciando-se das demais escolas do município. Como a escola precisava elaborar sua Proposta Pedagógica, fui instigada a pesquisar este processo, definindo como questão de pesquisa: Como a coordenação pedagógica municipal pode articular ações e estratégias para contribuir na elaboração da Proposta Pedagógica de uma Escola de Educação Infantil- Proinfância juntamente com a comunidade escolar?

A partir do que considere importante abordar nesta pesquisa, inicio o primeiro capítulo contextualizando a pesquisa e a minha trajetória profissional, abordando o papel da coordenação pedagógica. No segundo capítulo caracterizo a escola de educação infantil, a política pública- Proinfância e o atendimento de crianças tão pequenas no espaço coletivo. O terceiro capítulo traz algumas definições de Proposta Pedagógica, a justificativa em utilizar este termo, bem como, os elementos necessários que deve conter a Proposta, embasado principalmente nas autoras Salles e Farias.

Os caminhos metodológicos trilhados são apresentados no quarto capítulo, constituído pela apresentação dos objetivos da pesquisa, a caracterização da

pesquisa-ação, que define a abordagem metodológica, a apresentação dos sujeitos da pesquisa e os instrumentos utilizados para desenvolver esta pesquisa.

O quinto capítulo articula os dados gerados durante a pesquisa com os estudos teóricos e está organizado em três categorias de análise: Novo Olhar: Especificidades do atendimento de crianças de zero a três anos de idade; “Proposta Pedagógica, que bicho é esse?” O processo de elaboração da Proposta Pedagógica e A coordenação pedagógica no processo da elaboração da Proposta Pedagógica.

As considerações finais apontam algumas possibilidades para a atuação da coordenação pedagógica, e para a construção de uma Proposta Pedagógica construída no e para o coletivo da Escola de Educação Infantil.

1. CONSTITUIÇÕES: da professora, coordenadora pedagógica e pesquisadora e da temática da pesquisa.

A cada instante há na vida um novo conhecimento a encontrar, uma nova lição despertando, uma situação nova, que se deve resolver.

CECÍLIA MEIRELES

A identificação pela educação, iniciada na infância, fez com que buscasse o curso de Pedagogia para minha formação superior. Formada no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2001, tive uma breve experiência em uma escola particular de Educação Infantil e logo fiz o concurso para o cargo de professora no município de Vera Cruz. Desde que ingressei, sempre atuei 40 horas, trabalhando 20 horas com turmas de pré-escola nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) e as outras 20 horas com turmas de alfabetização. Sempre me senti realizada e muito feliz com minha profissão. Tive experiência em vice-direção e direção de escolas de Educação Infantil, mas nesta época percebi que a atuação na sala de aula com as crianças me trazia maior realização.

Procurei e procuro sempre participar de cursos de formação, seminários, entre outros, impulsionada por acreditar que podemos aprender cada vez mais, e desta forma, qualificar nossa prática. A busca incessante pelo saber, me move enquanto pessoa. Movida por esta razão, aceitei participar do curso do Pró-letramento na área da Matemática, no ano de 2008, tendo minha primeira experiência diretamente com formação de professores. Esta experiência me oportunizou novos caminhos na vida profissional.

No ano de 2009 fui convidada a ingressar à equipe da Secretaria Municipal de Educação no município de Vera Cruz, na função de coordenadora pedagógica. Eu, juntamente com outra colega, éramos responsáveis, na função de coordenadoras pedagógicas, pelas cinco Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) e pelas 20 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF), sendo que as quatro maiores tinham a coordenação pedagógica na própria escola. Além de nós duas, no

setor pedagógico havia a coordenadora geral e a psicóloga escolar, ambas também contribuíam com o trabalho realizado. A responsabilidade era grande e desafios surgiam diariamente.

Apesar de ter realizado no ano de 2003 uma Especialização na área de Supervisão Escolar, muitas dúvidas surgiam, pois o trabalho de coordenação realizado na Secretaria Municipal de Educação (SMED) se difere do trabalho realizado dentro de uma escola, uma realidade bem distinta da que havia vivido até então, como professora. Durante a Especialização em Supervisão Escolar compreendi o quanto é importante o desempenho deste profissional para o processo educativo e por esta razão, meu trabalho de conclusão de curso foi em relação à atuação da supervisão escolar na formação continuada dos professores.

Procurei entender a concepção dos professores frente à atuação do supervisor e sua contribuição nas ações de formação continuada no âmbito da escola. Na época a pesquisa foi desenvolvida em uma escola de Ensino Fundamental da rede municipal de Vera Cruz, cuja supervisão escolar era vinculada à Secretaria de Educação. Não havia nenhuma escola com este profissional. Um dos aspectos que me marcou, foi a necessidade que os professores sentiam da presença mais próxima e ativa da supervisão na escola. Desde quando ingressei na Secretaria de Educação penso muito neste aspecto e procuro investir na presença direta nas escolas, embora algumas vezes surjam outras questões administrativas para resolver e interferem na minha atuação neste sentido.

Percebo que a atuação da coordenação inserida na escola é bem distinta da atuação no âmbito de uma SMED. A responsabilidade de atuação em nível municipal se dá no macro, com atribuições não só pedagógicas, mas também, burocráticas e financeiras.

Desta forma, quanto mais me envolvia nas demandas que iam surgindo, as minhas inquietações só aumentavam e o sentimento de impotência também. Como minha formação inicial é na área da Educação Infantil e constatei que era impossível conseguir realizar um trabalho com qualidade e do modo como eu acreditava,

contemplando Educação Infantil e Anos Iniciais, solicitei no final de 2010 que ficasse responsável integralmente pela Educação Infantil, ou seja, pelas cinco EMEIs e pelas dez turmas de pré-escola nas EMEFs.

No início do ano de 2011, assumi a função da coordenação pedagógica da Educação Infantil junto à SMED de Vera Cruz. A partir de então, até o final de 2012, sempre tive como grande parceira a psicóloga escolar, que me auxiliava nas formações com os professores, em intervenções com famílias e em casos de encaminhamentos de crianças para o Centro de Atendimento Municipal Especializado, para acompanhamento com psicóloga, fonoaudióloga, psicopedagoga e psicomotricista.

Como todo meu foco de trabalho passou a ser a Educação Infantil, me interessei em participar dos encontros mensais do Fórum Gaúcho de Educação Infantil (FGEI). Com a autorização da Secretária Municipal de Educação comecei a frequentar os encontros, sozinha, e com o tempo as equipes diretivas, através de um rodízio, começaram a me acompanhar. O FGEI é uma entidade autônoma e interinstitucional, criada no ano de 1999 e sua atuação é na defesa da qualidade social na oferta da Educação Infantil, é ligada ao Movimento Interfóruns de Educação Infantil (MIEIB), constituído pelos Fóruns de Educação Infantil de todo o Brasil.

Preciso destacar que estes encontros foram e são muito importantes para minha vida profissional. Muito professor que conheci, durante os encontros, convidei para ministrar palestras e oficinas no município para os educadores e profissionais que atuam na Educação Infantil. E principalmente por ficarmos sempre atualizados com as legislações e debates vigentes. Não poderia deixar de registrar que foi num destes encontros que tomei conhecimento da Especialização Docência na Educação Infantil, que era um desejo grande que eu tinha, para poder me qualificar principalmente para o trabalho com bebês, uma faixa etária pouco aprofundada durante minha graduação e que considerava importante para poder contribuir com a formação das educadoras que atuam nas turmas de bebês.

Desde o ano de 2009, no âmbito do meu trabalho na SMED há a sistemática de realizar uma reunião mensal com as equipes diretivas, onde esta é dividida em assuntos burocráticos e em estudos e reflexões. Nestas reuniões há o momento para os relatos do encontro do FGEI, para que todas saibam dos assuntos debatidos e estendam as discussões para suas escolas.

Consta no Plano de Carreira do Magistério do Município, Lei nº 2397 de 03 de dezembro de dois mil e três, as seguintes atribuições para a coordenação pedagógica:

1. Coordenar a elaboração e execução da proposta pedagógica da escola;
2. Administrar o pessoal, os recursos materiais e financeiros da escola, tendo em vista a atingir os objetivos pedagógicos;
3. Assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
4. Zelar pelo cumprimento do plano de trabalho dos docentes;
5. Prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
6. Promover a articulação com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
7. Informar os pais ou responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola;
8. Coordenar, no âmbito da escola, as atividades de planejamento, avaliação e desenvolvimento profissional;
9. Acompanhar e orientar o processo de desenvolvimento dos estudantes, em colaboração com os docentes e as famílias;
10. Elaborar estudos, levantamentos qualitativos e quantitativos indispensáveis ao desenvolvimento do sistema ou rede de ensino ou da escola;
11. Elaborar, implementar, acompanhar e avaliar planos, programas e projetos voltados para o desenvolvimento do sistema e/ou rede de ensino e da escola, em relação aos aspectos pedagógicos, administrativos financeiros, de pessoal e de recursos materiais;
12. Acompanhar e supervisionar o funcionamento das escolas, zelando pelo cumprimento da legislação e normas educacionais e pelo padrão de qualidade de ensino.

Analisando o que consta nas atribuições da coordenação pedagógica no Plano de Carreira do Município, é possível perceber que há itens mais voltados para a dimensão pedagógica, e outros mais para uma dimensão burocrática /administrativa, mas que com certeza são ações de suporte e necessárias para qualificar e estruturar a primeira dimensão citada. Em alguns momentos me

questiono se estou conseguindo realizar realmente a função de coordenadora pedagógica, pois sinto que é difícil conciliar o tempo para suprir todas as necessidades emergentes em cada uma das escolas atendidas e as da própria Secretaria.

Apesar das atribuições citadas, muitos outros desafios surgem no dia a dia e esses nem sempre dizem respeito as questões pedagógicas, mas convocam e exigem intervenções. As demandas exigem envolvimento com professores, pais, crianças, profissionais de outros órgãos como, saúde, desenvolvimento social, conselho tutelar, entre outros. Além disso, por estar inserida na Secretaria, muitas vezes é necessário assumir outras responsabilidades em projetos e programas, não sendo o trabalho exclusivo para a Educação Infantil.

Alguma atribuição compreende-se que, a direção da escola acaba assumindo como responsabilidade por estar diretamente envolvida com a sua equipe, podendo citar como exemplo o acompanhamento do processo de desenvolvimento das crianças em colaboração com os docentes e as famílias. Isto não quer dizer, que não atuo neste item e sim que o envolvimento maior, mais processual é realizado pela direção. Há casos que a escola convoca e me envolvo muito, precisando em algumas situações, da atuação de toda rede. Por isso, considero muito importante: os momentos de estudo mensal, bem como, o relacionamento próximo com as equipes diretivas, que acabam agregando funções. E para o trabalho funcionar, precisa haver sintonia nas atuações.

Como afirmam Zumpano e Almeida (2012)

...o coordenador pedagógico não é um mero gestor de sistema (planejar e coordenar), de práticas que dão certo e sempre funcionaram. A especialidade desse profissional reside em sua capacidade de contextualizar práticas cotidianas, compreender a generalidade das situações que envolvem a educação de crianças e a formação de adultos, transformar as queixas em bons problemas, congregar esforços para encontrar alternativas e, muitas vezes, inventar soluções. Por isso, podemos dizer que é um profissional estratégico na formação continuada em serviço da equipe de educadores e na construção do trabalho pedagógico em qualquer nível educacional. (p.22)

Como podemos perceber, o coordenador pedagógico deve estar sempre disposto a enfrentar os problemas que surgem e auxiliar os professores a superar as situações conflitantes, não podendo ficar no lugar de queixa, mas procurando avançar e superar os desafios. Como citei anteriormente, na atuação da coordenação pedagógica preciso dar suporte para as equipes diretivas, que muitas vezes estão com alguma questão conflitante e não sabem como resolvê-la, precisando de auxílio para conseguir avançar no processo.

Até o momento, também compete à coordenação pedagógica, o acompanhamento das listas de inscrições das crianças para vagas nas EMEIs. Este é um problema emergente enfrentado pelo município, que não consegue atender toda a demanda de 0 a 3 anos, e com isso, a procura na SMED pelas famílias só vem aumentando, bem como, esclarecimentos para o Conselho Tutelar e a Promotoria de Justiça. Estas e outras questões burocráticas permeiam o trabalho, reduzindo muitas vezes o tempo para se dedicar as questões pedagógicas.

No ano de 2013, houve mudanças na estruturação da Secretaria Municipal de Educação, com a troca da Secretária Municipal de Educação. Esta decidiu por uma nova estruturação no setor pedagógico, havendo uma mudança significativa que foi a inclusão de mais coordenadoras pedagógicas na equipe e desta forma, recebi uma nova colega para integrar a coordenação pedagógica da Educação Infantil. Ficando o setor pedagógico organizado da seguinte maneira: duas coordenadoras para a Educação Infantil, duas para os Anos Iniciais e Finais, uma coordenadora para as Escolas do Campo e uma coordenadora responsável pela Educação Especial. Como professora integrante da SMED vivencio no cotidiano, dois aspectos que fortalecem o meu trabalho: autonomia e parceria no coletivo desse grupo.

Desde 2013 a coordenação pedagógica é responsável pelo atendimento de seis Escolas Municipais de Educação Infantil, pois inaugurou mais uma EMEI através do Programa Proinfância e onze turmas de pré-escolas, foi aberta uma nova turma de pré-escola em uma EMEF que não atendia esta faixa etária.

No trabalho realizado pela coordenação pedagógica procura-se investir na qualificação dos educadores, através de reuniões de discussões e estudos nas próprias escolas, bem como, com palestras abordando temáticas pertinentes. Estas formações geralmente acontecem no turno da noite ou no contra turno de trabalho, pois não há dias de paradas para estudo, as escolas não deixam de atender as crianças durante o ano, apenas no mês de janeiro, devido às férias coletivas.

Conforme Zumpano e Almeida (2012)

...Uma das formas mais eficazes de atuação do coordenador pedagógico no âmbito educacional é o papel de formador, e no meio educação infantil, esta premissa não é diferente, pois, ao exercer o papel de formador, o coordenador pedagógico pode realizar um trabalho coletivo, articulado e integrado com a equipe educativa, investindo na formação continuada do professor na própria escola, estimulando-o a perceber que as propostas transformadoras resultantes do processo de formação continuada fazem parte do projeto da escola, estabelecendo uma parceria de trabalho com o professor que possibilite a tomada de decisões por parte desses atores capaz de garantir o alcance de metas em comum, bem como a efetividade para alcançá-las. (p. 26)

Acredito nestes momentos coletivos de estudo e reflexão sobre a prática, onde é dinamizado para que todos tenham voz e expressem suas opiniões, concepções e dificuldades. Ou seja, “a formação contínua do professor/educador, especialmente a realizada no próprio local de trabalho, se constitui em momento privilegiado de reflexão, já que podem proporcionar a construção coletiva de projetos e a troca de experiências, importantes instrumentos de autoformação”. (ROSSI, 2012, p.28)

Além das formações realizadas e/ou organizadas pela equipe da Secretaria de Educação outra ação da coordenação pedagógica municipal é incentivar as equipes diretivas, que nas reuniões nas próprias escolas proporcionem momentos de estudo e reflexão com o grupo de educadores, e, em alguns momentos, também há a participação da coordenação.

De acordo com Rangel (2007, p.77) “coordenar significa organizar em comum, prever e prover momentos, estratégias, instrumentos, recursos que possibilitem a integração do trabalho realizado na escola.” Compreendo a

coordenação como mobilizadora e provocadora para busca de reflexões individuais e coletivas que gerem mudanças na prática pedagógica, contribuindo com o projeto coletivo da escola. Como nos diz Alarcão (2007, p.79) “a escola deve ser uma comunidade reflexiva, ou então, é um edifício sem alma”. E quem irá suscitar estes momentos de reflexão, é justamente a coordenação pedagógica.

Nesta perspectiva, a Escola de Educação Infantil que foi inaugurada em maio de 2013 convocou bastante à atuação da coordenação pedagógica. A maioria dos educadores foi nomeado pouco antes da inauguração da escola. Mas apesar de terem formação, não possuem muita experiência, principalmente com a faixa etária que a escola está atendendo. E também, a equipe diretiva formada por diretora e vice-diretora está iniciando no processo de gestão escolar, necessitando de auxílio. Além das visitas de acompanhamento, diferentes momentos de estudo e reflexão, dentro da própria escola, estão sendo oportunizados para discutir questões pertinentes da ação pedagógica. Vale ressaltar que foram feitos encontros formativos anteriores a inauguração da escola.

Esta escola foi inaugurada sem ter sua Proposta Pedagógica, pois enquanto mantenedora, acredita-se que uma proposta somente tem validade se construída com a participação de todos os envolvidos no processo. A autora Zilma de Oliveira, em seu texto Currículo em movimento- perspectivas atuais (2010) defende que a elaboração, acompanhamento e avaliação do projeto político pedagógico da unidade educacional devem contar com a participação coletiva dos educadores, demais profissionais que atuam na escola, famílias, comunidade e crianças. O Conselho Municipal de Educação do município de Vera Cruz entendeu a justificativa da mantenedora e escola, e firmou um prazo até o final do ano de 2013 para a entrega da Proposta.

Pensando em todas as demandas enfrentadas enquanto coordenação pedagógica, fui instigada em realizar minha pesquisa de conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil procurando estudar e aprofundar a constituição do processo de construção da proposta pedagógica. Entendo como

um campo potente de pesquisa e de reflexões para a área. Pois articula as temáticas da Proposta Pedagógica da Educação Infantil para bebês e crianças bem pequenas (a escola atende somente crianças de 0 a 3 anos de idade), a experiência de uma escola que está iniciando suas atividades e a característica de ser uma escola do Programa Proinfância, que está recebendo assessoramento e acompanhamento pedagógico formativo de uma Universidade, sendo que a atuação da coordenação pedagógica abrange todos estes aspectos.

Acredito ser um tema pertinente e que tem poucos estudos na área. Então, defini como questão norteadora desta pesquisa: Como a coordenação pedagógica municipal pode articular ações e estratégias para contribuir na elaboração da Proposta Pedagógica de uma Escola de Educação Infantil- Proinfância juntamente com a comunidade escolar?

Compreendo que esta questão de pesquisa está diretamente vinculada a minha atuação profissional e trará subsídios para as próximas ações da coordenação pedagógica nas demais EMEIs, se tratando especificamente das reconstruções das Propostas Pedagógicas.

2. CONTEXTOS: caracterizando a escola de Educação Infantil e o atendimento de crianças de 0 a 3 anos considerando a política pública- Proinfância

O município de Vera Cruz localiza-se na região central do Rio Grande do Sul, e tem uma população de 23.986 habitantes, conforme dados demográficos do IBGE (2013), sendo que 1698 são crianças de 0 a 5 anos e deste total, 1131 são crianças de até 3 anos de idade. De acordo com o estudo denominado Radiografia da Educação Infantil realizado pelo Tribunal de Contas do RS divulgado no final do ano de 2013, considerando os dados do ano de 2012, o município atingiu o percentual de 35,20% da demanda de creche, sendo a meta do PNE (2001-2010) de 50% e em relação aos dados da pré-escola, atingiu o percentual de 80,60%, sendo a meta de 100%. Vale ressaltar que para a faixa etária de pré-escola há vagas disponíveis nas turmas existentes, tanto no meio urbano como no meio rural. No município está sendo realizado um trabalho de conscientização junto às famílias através de agentes de saúde e visitantes do PIM (Primeira Infância Melhor) para que efetuem a matrícula de seus filhos nas turmas de pré-escola.

Como o município está crescendo significativamente, a oferta de vagas nas cinco EMEIs, há algum tempo não é mais suficiente. A fim de oportunizar um maior número de matrículas de crianças em Escolas de Educação Infantil, o município adquiriu um novo terreno e se inscreveu no Programa Proinfância e através do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC2) foi contemplado com uma escola tipo C para 60 crianças em turno integral ou 120 meio turno. A obra iniciou no ano de 2011 e no final do mês de setembro do ano de 2012 foi concluída. Como houve atraso para o recebimento do recurso destinado aos equipamentos, a escola somente pode ser inaugurada no início do mês de maio de 2013.

Na SMED, através do controle das listas de espera do município, ou seja, a demanda explícita (ROSEMBERG, 2001, p.25) constatou-se a necessidade de serem criadas mais vagas para a faixa etária de 0 a 3 anos, pois para as crianças de 4 e 5 anos além do atendimento nas EMEIs, também são ofertadas vagas nas

EMEFs, em turmas de Pré-escola. Com base nestes dados, o município optou em ofertar vaga nesta nova EMEI- Proinfância apenas para bebês e crianças bem pequenas, como é definido no Relatório de Práticas Cotidianas da Educação Infantil (MEC, 2009) ao se referir as crianças até 3 anos e 11 meses.

O Programa Proinfância¹ é uma política inédita no país, que contempla um investimento significativo na Educação Infantil. A meta do governo federal é da construção de 6 mil unidades distribuídas em diferentes municípios de Norte a Sul do país. Conforme dados de abril de 2012 publicados pelo MEC, no Rio Grande do Sul 304 municípios foram contemplados com o Proinfância com um total de 420 unidades.

O Proinfância foi criado no ano de 2007, com o intuito de ampliar e qualificar o atendimento em escolas de Educação Infantil, consolidando a identidade da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. De acordo com Rodrigues e Mello

“... Os gastos do governo federal com a primeira etapa da educação básica, historicamente, são inexistentes. Castro (2010) analisa o gasto público educacional no Brasil durante o período de 1995 a 2007, observando que entre os anos de 1995 a 2006 não houve registro de investimento federal na educação das crianças de 0 a 6 anos, sendo que é apenas no ano de 2007 que se evidencia registro de investimento de recursos do Governo Federal na área.” (2012, p.07)

Aos municípios cabe a aquisição do terreno, encaminhar a licitação para a construção da escola, ter um engenheiro responsável para acompanhar a obra e atualizar os dados no sistema, o investimento em alguns materiais e brinquedos que não estão incluídos na relação para licitação do MEC, fazer algumas adaptações no prédio e manter o quadro de professores e funcionários com qualificação.

É válido explicitar que compõe este programa não apenas a construção das unidades, mas também o repasse financeiro para a aquisição dos equipamentos e

¹ O programa Proinfância foi instituído pela Resolução nº 6, de 24 de abril de 2007, e é parte das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Ministério da Educação. Seu principal objetivo é prestar assistência financeira ao Distrito Federal e aos municípios visando garantir o acesso de crianças a creches e escolas de educação infantil da rede pública.

mobiliários e ainda o assessoramento pedagógico abordando temas pertinentes para a construção do trabalho pedagógico nessas escolas.

A escola pesquisada, está incluída no assessoramento e acompanhamento pedagógico vinculado a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que ficou responsável pelos municípios da região central e noroeste do RS, totalizando 150 municípios. Além da UFSM, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) também faz assessoria a 165 municípios do estado localizados nas diferentes regiões do RS.

O objetivo maior das Universidades estarem envolvidas no Proinfância é contribuir com o fortalecimento das políticas públicas municipais de Educação Infantil, buscando a qualidade no atendimento às crianças. Para isso, consta como ações das Universidades:

- Realizar um diagnóstico da Educação Infantil;
- Promover a formação continuada de gestores e docentes na construção da proposta pedagógica, visando à implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (Res. CEB/CNE 05/2009) no cotidiano destes novos espaços educativos para crianças pequenas;
- Realizar visitas técnicas de assessoramento e acompanhamento à organização da estrutura e o funcionamento das instituições de Educação Infantil.

Em 2013, antes da inauguração da escola, no mês de fevereiro, aconteceu a primeira reunião em Santa Maria, para apresentação do projeto para as equipes das Secretarias de Educação. E no decorrer deste mesmo ano, ocorreram três assessoramentos pedagógicos, sendo um deles, um Seminário de dois dias no município de Santa Maria e os outros dois aconteceram em municípios da nossa região. Como há um número limitado de participantes por município, eu, a colega coordenadora pedagógica, a diretora e vice-diretora da escola, que participamos dos encontros. Ao retornar dos assessoramentos era proposto levar as discussões e reflexões para o grupo da escola, propondo as leituras indicadas nos encontros. Estes momentos aconteceram nas reuniões da escola direcionadas para a construção da Proposta Pedagógica.

Enquanto coordenação pedagógica, procurei ampliar estas discussões para as demais escolas de Educação Infantil do município, mesmo não sendo do Proinfância, também precisam revisar suas Propostas Pedagógicas para estar em consonância com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2009).

É válido ressaltar que os municípios receberão assessoria da UFSM por dois anos, ou seja, até o final de 2014. Este investimento em formação é de grande valia para a qualificação do trabalho realizado na Educação Infantil.

Nesta perspectiva de fortalecimento da primeira etapa da educação há um conjunto de ações sendo realizadas pelo Ministério da Educação que vem a somar ao Proinfância. São elas:

- Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB n 05 de 17 de dezembro de 2009)

- Elaboração e implantação dos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil

- Programa de Formação Inicial para professores em exercício na Educação Infantil (PROINFANTIL- Curso de formação inicial, em nível médio, na modalidade Normal, à distância)

- Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (Formação em nível de especialização presencial para professores, coordenadores, diretores de creches e pré-escolas, ocorrendo em diferentes Universidades).

- Inclusão da Educação Infantil ao Programa Nacional de Biblioteca da Escola (acervo com 60 títulos de livros infantis)

Sendo essas algumas das ações da Política Federal direcionadas à Educação Infantil, acredito que estamos vivendo um momento histórico positivo e importante que tem contribuído significativamente com a maneira de compreender a função social e política da primeira etapa da educação básica, bem como as concepções que a norteiam.

Resultado desta ação das políticas públicas para a Educação Infantil, tanto do município, quanto do Governo Federal, pois entendo o Proinfância como uma parceria de ambas as instâncias, hoje, a comunidade vera-cruzense pode contar com mais uma escola de Educação Infantil.

A escola do Proinfância está situada na periferia do município, atendendo as crianças de três bairros próximos, entre eles, o mais carente. Foram feitas algumas adaptações na organização das salas, pois a demanda de bebês é grande. Desta forma, a sala projetada para o berçário está atendendo crianças de até 1 ano, outra sala foi adaptada para atender crianças de 1 a 2 anos, com isso do limite de 10 bebês passamos a atender 26 bebês nestas duas salas. As demais salas estão divididas em nível A- crianças de 2 a 3 anos e nível B- crianças de 3 a 4 anos de idade, totalizando 55 crianças atendidas até o final do ano de 2013, sendo a maioria em turno integral. Para o ano de 2014 há como meta transformar a sala de informática em outra sala de berçário.

Além de pensar nas adaptações de infraestrutura a escola exigiu e exige um olhar atento às questões pedagógicas. Antes mesmo da inauguração da escola, o grupo de professores e funcionários tiveram momentos de estudo e reflexão sobre a proposta de trabalho com bebês e crianças bem pequenas. Como são recentes os estudos sobre esta primeira fase da infância, as professoras ainda possuem dúvidas, pois é bem distinto trabalhar com esta faixa etária, a maioria tinha experiência apenas com crianças de pré-escola.

Até por volta dos anos 70 a concepção que se tinha é que os bebês eram sujeitos passivos e frágeis. Hoje, os estudos consideram os bebês como sujeitos em potencial, ativos, com muitas capacidades de aprendizagens desde que nascem. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a criança é concebida como “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.” (BRASIL, 2009, p.6)

De acordo com Barbosa (2010)

Quando as crianças são tomadas como seres capazes elas se tornam protagonistas no projeto educacional. Essa é uma mudança paradigmática na compreensão da educação dos bebês, pois se afirma o compromisso com a oferta de um serviço educacional que promova, para todas as crianças, a possibilidade de viver uma experiência de infância

comprometida com a aprendizagem gerada pela ludicidade, brincadeira, imaginação e fantasia. Nesse espaço, os bebês aprendem observando, tocando, experimentando, narrando, perguntando, e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, recriando, deste modo, a cultura. (p.3)

Nesta perspectiva, o papel do adulto é de ampliar as experiências das crianças, através de um ambiente seguro e desafiador, que promova o brincar e as interações, eixos destacados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009).

Desta forma, educar um bebê vai muito além da troca de fraldas, exige que lhes sejam oferecidas as melhores oportunidades para seu desenvolvimento. Conforme Brasil (2009) “o professor como adulto responsável tem o papel de estar presente, observar e procurar compreender as linguagens da criança e responder-lhe adequadamente.” (p.29)

As relações educativo-pedagógicas, com as crianças pequenas são bastante amplas, abrangendo um processo de inserção em várias situações da vida social. Para os bebês, muitas experiências estão ocorrendo pela primeira vez na vida, e o modo como essas situações são mediadas pelo adulto faz toda a diferença em sua constituição humana e em sua educação.

O dia-a-dia precisa ser bem pensado e planejado, considerando as especificidades das crianças pequenas. Um aspecto que merece muita atenção é o espaço e ambiente que está sendo oferecido. É imprescindível que

“seja um espaço brincante, lúdico, seguro, acolhedor e desafiador; um espaço que favoreça o jogo, a imaginação, os encontros entre bebês, bebês e crianças mais velhas, bebês e adultos... A organização do espaço pressupõe intervenções sutis e potentes.” (Gobatto, 2013, p.13)

Contribuindo com Gobatto, cito Fochi.

“... parece que o interesse do adulto não é tanto planejar atividades para as crianças realizarem, mas criar as condições adequadas, ou satisfatórias, para que elas atuem... Parece-me que, ao invés de planejar a atividade para ser “aplicada” com os bebês, seja mais interessante o planejamento de outros elementos... O tempo, os espaços, os materiais, e a organização do grupo e o tipo de intervenção.” (2013, p.156).

Estas questões estão em processo de construção na escola, juntamente com a construção da proposta. Observo que as professoras de bebês e crianças bem pequenas estão se descobrindo e constituindo. Por ser um grupo novo, estão experimentando e se permitindo vivenciar uma rotina mais flexível, considerando o tempo da criança e não o tempo do adulto para conduzir o processo, bem como, estão compreendendo que o professor não é aquele que aplica atividades, mas aquele que está envolvido nas diversas situações vivenciadas dentro da escola.

O ato pedagógico está presente na condução da alimentação, na troca de fraldas, no incentivo ao uso do banheiro, nas brincadeiras, enfim, que o ato de cuidar e educar estão imbricados um no outro constituindo o fazer pedagógico na educação infantil.

3. DEFINIÇÕES: da Proposta Pedagógica na escola de Educação Infantil

A educação é projeto, e, mais do que isto, encontro de projetos; encontro muitas vezes difícil, conflitante, angustiante mesmo; todavia altamente provocativo, desafiador, e, porque não dizer, prazeroso, realizador.

Celso Vasconcellos

Contemplando todos os aspectos relacionados ao tema pesquisado, considere relevante direcionar um capítulo deste trabalho para fazer alguns registros sobre a Proposta Pedagógica, com a fundamentação teórica que embasou toda a construção deste documento na escola.

Enquanto mantenedora, o trabalho realizado pela SMED preza a necessidade de cada escola ter sua Proposta Pedagógica articulada com a realidade. Até o ano de 2004, no município, havia uma única proposta, onde esta foi construída através de discussões e estudos em todas as EMElS e as EMEFs. Mas com o passar do tempo viu-se a necessidade de cada escola ter a sua proposta, o que considero muito positivo, pois no meu entendimento há uma diversidade no contexto do município, por exemplo, há escolas na região central, escolas na periferia e escolas no meio rural, cada uma com suas características bem peculiares que devem ser consideradas e respeitadas.

Respaldado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) as escolas tem incumbência e competência para elaborar sua Proposta Pedagógica, como podemos observar nos artigos 12, 13 e 14.

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;

(...)

VII – informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola;

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

(...)

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

- I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Tendo assegurado por lei a possibilidade de elaboração da Proposta Pedagógica, cabe à escola fazer suas escolhas, definir suas concepções considerando a realidade e envolver os diferentes segmentos que compõem a escola para construir de maneira autônoma e significativa o caminho que a escola deseja seguir.

Conforme Rossi (2012)

A escola de educação infantil é um espaço educativo, e o seu trabalho não pode ser pensado nem realizado no vazio e na improvisação. Sendo assim, avalio que a elaboração conjunta e participativa da proposta político-pedagógica é um dos instrumentos teórico-metodológicos que a escola ou a rede de ensino pode utilizar com a finalidade de apontar a direção e o caminho que vai percorrer para realizar, da melhor maneira possível, sua função educativa. (p.33)

Como já citei no primeiro capítulo, a escola pesquisada além de atender uma exigência legal, sentia a necessidade de ter registrado o caminho pedagógico que desejavam trilhar, com definições de concepções e intenções pedagógicas.

Quando a escola não tem uma proposta definida, parece que cada um caminha para um lado e ninguém sabe aonde quer chegar, acarretando prejuízos a toda escola.

Ao estudar sobre o tema, nos deparamos com diferentes terminologias utilizadas como sinônimos de Proposta Pedagógica. Há autores que utilizam o termo projeto político-pedagógico, outros projetos pedagógicos, projeto educacional e até mesmo currículo.

A publicação “Propostas pedagógicas e currículo em Educação Infantil: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise” (MEC, 1996) aborda no capítulo 1 essas questões conceituais, que vou relatar de maneira sintetizada. A autora Tizuko Morchida Kishimoto define proposta pedagógica como explicitação de qualquer orientação presente na escola ou rede, não implicando necessariamente o detalhamento total da mesma e currículo como explicitação de intenções que dirigem a organização da escola visando colocar em prática experiências de

aprendizagem consideradas relevantes para crianças e seus pais. A autora Maria Lúcia de A. Machado prefere utilizar o termo projeto educacional-pedagógico, argumentando que a palavra projeto remete a plano, expresso através de linhas que sugerem uma organização, com determinada finalidade, a partir das concepções, dos sonhos e das intenções daqueles que projetam. Também é citada a autora Sônia Kramer que utiliza o termo proposta pedagógica, que segundo ela, traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui, traz também as dificuldades que enfrenta, os problemas que precisam ser superados e a direção que os orienta. Apesar dos vários termos utilizados, há nos conceitos muitas questões em comum.

Independentemente do termo escolhido- currículo, proposta ou projeto- as concepções apresentadas pelas autoras expressam visões mais amplas do que as antigas conceituações de currículo como sequência de matérias ou conjunto de experiências de aprendizagem oferecidas pela escola. Nos vários textos fica evidente a preocupação com a contextualização histórico-social do currículo, proposta ou projeto, uma vez que está sempre situado (a) num momento e num lugar determinado, dos quais refletem valores e concepções. (MEC, 1996, p.20)

Ainda para contribuir com os conceitos acima, cito a definição de Celso Vasconcellos (2002) “o projeto político pedagógico é o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada.” (p.169) Defende o termo projeto político-pedagógico por entender que é mais abrangente, contemplando as dimensões específicas da escola até as mais gerais (políticas, culturais, econômicas...).

Decidi utilizar o termo Proposta Pedagógica, justificando a escolha por ser este o termo utilizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009). De acordo com esta legislação a Proposta Pedagógica é definida como o “plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar.” O currículo é apresentado como o “conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os

conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.”

Richter e Barbosa (2010) ao se referir ao currículo para as crianças de 0 a 3 anos apresentam como um desafio

Compreender o currículo não como um plano prévio de ensinar a vida, mas como abertura à experiência de viver junto- bebês, crianças pequenas e adulto professores- as situações contextualizadas em narratividades. A dificuldade está em mudarmos a nossa concepção de currículo como “fabricação” do humano (MÉLICH; BÁRCENA,2000) para currículo como criação, ação e narração do humano... (p. 94)

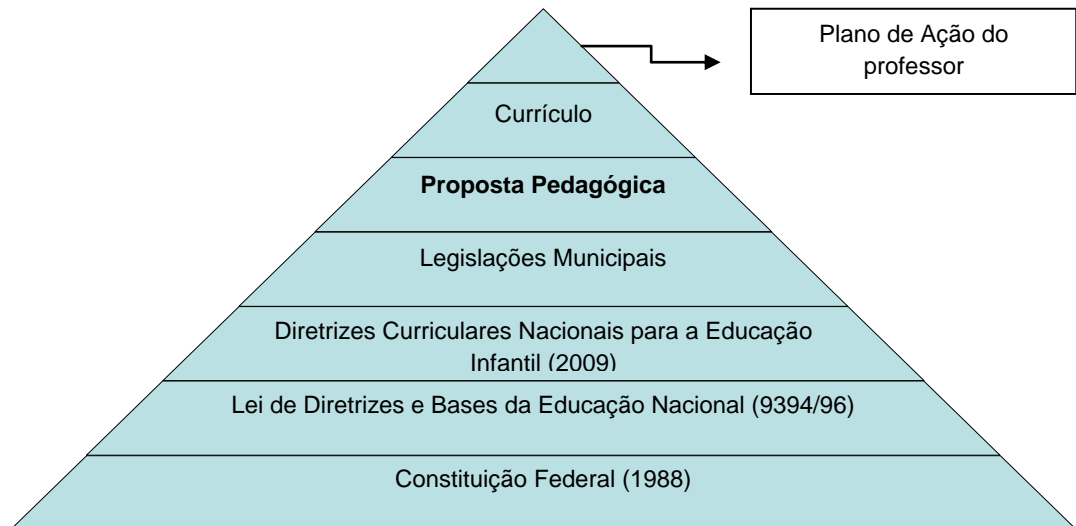
Este novo conceito de currículo, deve constar na Proposta Pedagógica da escola que atende as crianças bem pequenas, um currículo que não tem como essência ensinar conteúdos e sim vivenciar experiências através das diferentes relações e interações, sendo entendido como currículo narrativo. O currículo vai se construindo a partir dos princípios educativos definidos na Proposta Pedagógica, sendo um dos elementos que a constitui.

As autoras Salles e Faria definem a Proposta Pedagógica como

...a busca de construção da identidade, da organização e da gestão do trabalho de cada instituição educativa. O projeto reconhece e legitima a instituição educativa como histórica e socialmente situada, constituída por sujeitos culturais que se propõe a desenvolver uma ação educativa a partir de uma unidade de propósitos. Assim, são compartilhados desejos, crenças, valores, concepções, que definem os princípios da ação pedagógica e vão delineando, em um processo de avaliação contínua e marcado pela provisoriedade, suas metas, seus objetivos, suas formas de organização e suas ações. (2012, p.20)

Esta definição é muito interessante, e traz um aspecto que gostaria de destacar que é relativo à “provisoriidade”, entendendo que a proposta não é definitiva, deve sempre passar por processo de avaliação, como diz Sônia Kramer (1999), a proposta é um caminho, não é um lugar e é construída no caminhar. A autora ainda afirma que a proposta tem uma história a ser contada, sendo um convite, um desafio e uma aposta.

Também é importante ressaltar que a Proposta Pedagógica deve estar em consonância com as legislações vigentes. A seguir apresento um esquema² ilustrando a interdependência das legislações e dos documentos escolares.



A escola tem autonomia para a elaboração da sua proposta, porém deve sempre considerar e consultar as leis que regulamentam a educação. Da mesma forma, o professor deve sustentar sua prática no currículo e na proposta pedagógica da escola a qual está inserido.

As autoras Salles e Faria (2012) sistematizaram alguns princípios que devem nortear a elaboração, implementação, avaliação e reelaboração das Propostas Pedagógicas de uma escola de Educação Infantil e que apresento de forma sintetizada a seguir:

- a) Unidade- nas concepções e nas formas de conduzir o trabalho;
- b) Sistematização- das ideias através da elaboração da proposta pedagógica;

² Este esquema foi inspirado em uma aula do professor Ms. Paulo Fochi na disciplina Currículo, proposta pedagógica, planejamento e organização e gestão do espaço, do tempo e das rotinas em creches e pré-escolas do Curso de Especialização Docência em Educação Infantil/UFRGS.

- c) Consciência- tomada de consciência do fazer pedagógico;
- d) Necessidade- da elaboração de um documento que orientará a ação educativa;
- e) Participação/ envolvimento- efetivo envolvimento de todos os sujeitos;
- f) Compromisso- devem se comprometer com a implementação das propostas apresentadas;
- g) Contextualização- por ser única e original, deve considerar o contexto sociocultural que envolve a escola;
- h) Consistência- além das experiências dos envolvidos, deve ter fundamentação legal e teórica;
- i) Coerência- deve ter relação daquilo que se acredita com o que se faz;
- j) Dinamismo/ Provisoriedade- está sempre em movimento de construção e reconstrução, sempre precisa ser revisto e avaliado.

Não é tão simples elaborar uma Proposta Pedagógica, porém acredito que se o grupo tiver disposto a realizar esta tarefa e conseguir visualizar estes princípios no decorrer do processo, estarão promovendo a qualidade no atendimento da escola. A construção coletiva da Proposta Pedagógica pode ser um meio valioso para estimular professores e funcionários na realização e comprometimento com seu trabalho. Desta forma, a Proposta Pedagógica vai se consolidando na escola.

Cito Zumpano e Almeida para tratar da relação do coordenador pedagógico com a elaboração da Proposta Pedagógica

Envolver os educadores na confecção da proposta pedagógica da educação infantil, na condição de protagonistas, não repetindo a dicotomia entre o pensar e o fazer, e principalmente acreditando que esses profissionais têm competência e muito a falar sobre os saberes que adquirem em suas práticas, é um dos principais papéis do coordenador pedagógico que atua com professores de crianças de 0 a 5 anos de idade. (2012, p.35)

Entendo que não faz sentido se a Proposta Pedagógica não for construída e pensada por todos, cada integrante da equipe precisa sentir-se inserido neste processo, percebendo que suas opiniões e decisões são importantes e que têm valor. A Proposta Pedagógica não pode ficar apenas na teoria, deve ser vivida, deve retratar a escola na sua essência.

No próximo capítulo, apresento a metodologia utilizada para efetivar esta pesquisa.

4. PERCURSOS: os caminhos metodológicos trilhados

Conforme já citei anteriormente, fui mobilizada por esta temática de pesquisa, enquanto coordenadora pedagógica, instigada pelo desejo de acompanhar de forma mais intensa a construção da Proposta Pedagógica, diferente das vivências que tive até então. Vi esta possibilidade como um momento ímpar, uma vez que é uma escola recentemente inaugurada em maio de 2013, tem o atendimento específico para bebês e crianças bem pequenas, vem recebendo o acompanhamento e assessoramento pedagógico da Universidade Federal de Santa Maria e tinha um prazo estipulado pelo Conselho Municipal de Educação para entregar a Proposta Pedagógica.

Todos estes aspectos me instigaram a pesquisar este processo de construção, tendo como objetivos: analisar o processo desenvolvido pela coordenação pedagógica municipal a fim de contribuir na elaboração da Proposta Pedagógica de uma Escola Municipal de Educação Infantil- Proinfância; analisar se as especificidades da educação dos 0 aos 3 anos estão sendo contempladas e contribuir para o campo da Educação Infantil no que se refere as ações da coordenação pedagógica na constituição de uma Proposta Pedagógica da escola de Educação Infantil.

Além do meu interesse por esta temática, percebia que na escola estava latente a necessidade da construção da Proposta Pedagógica. Desta maneira, a partir de algumas leituras referentes à metodologia científica, identifiquei esta pesquisa de abordagem qualitativa caracterizando-se como pesquisa-ação. De acordo com Barbier (2007) a pesquisa-ação ocorre quando o problema surge na comunidade. Esta, além de defini-lo, vai analisar e resolvê-lo, sendo a própria comunidade, os beneficiários da pesquisa. Outro aspecto importante é que exige a participação plena e total da comunidade durante o processo da pesquisa. Ainda segundo a definição de Thiollent:

“é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de

um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo.” (Thiollent apud Gil, 1999, p.46)

Observei que havia este envolvimento de toda a equipe escolar. Primeiramente houve a constatação emergente da necessidade da escola ter uma identificação pedagógica, e em seguida, iniciou a mobilização para a construção da proposta. O caminho que foi seguido para a construção da Proposta Pedagógica foi se definindo em conjunto, as decisões foram da equipe.

Entendo a minha participação enquanto pesquisadora e coordenadora pedagógica como colaboradora desse processo. Destaco o desafio de ser pesquisadora e ao mesmo tempo sujeito da pesquisa.

Outro fator que me preocupava, era o envolvimento profissional existente entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, não sendo uma relação neutra. De maneira geral, percebo que enquanto coordenadora pedagógica atuando diretamente na Secretaria Municipal de Educação, os educadores e profissionais das escolas enxergam relações desiguais de poder. Este foi um grande desafio, fazer com que minha participação fosse vista como de agente colaborativo e que enquanto pesquisadora existisse uma relação de confiança e de ética.

Além destas questões relatadas, esta união de papéis em alguns momentos me desestabilizava, pois nos encontros às vezes tinha dúvidas se me manifestava ou se ficava mais na condição de ouvinte. Combinei com a direção da escola que elas estivessem mais a frente do processo, introduzindo e encaminhando as discussões, pois, nas primeiras reuniões, percebi que o grupo se direcionava mais a minha pessoa, e não era a intenção que tinha. Para que o andamento dos encontros fluísse com mais tranquilidade, passei a contribuir com o planejamento prévio das reuniões com a direção, auxiliando nas escolhas dos materiais e da dinamização do processo.

Os autores Ghedin e Franco (2011) se referem que a pesquisa-ação desenvolvida na área da educação tem caráter *formativo-emancipatório*, mas para realizar-se deverá contemplar:

- “A ação conjunta entre pesquisador e pesquisados”;

- A realização da pesquisa em ambientes em que se dão as próprias práticas;
- A organização de condições de autoformação e emancipação para os sujeitos da ação;
- A criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos críticos-reflexivos para com a realidade;
- O desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados construídos e em construção;
- Reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e rotina massacrante;
- Resignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sócio-históricas;
- “O desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação.” (p.220)

A fim de exemplificar as características citadas pelos autores Ghedin e Franco registro alguns momentos vividos na escola durante este processo de construção. Realizei juntamente com a equipe diretiva uma primeira reunião para explorarmos alguns conceitos da Proposta Pedagógica, para conhecer as experiências da equipe em relação ao assunto e apontarmos alguns caminhos juntamente com o grupo. Na oportunidade, aproveitei para apresentar minha pesquisa e pedir autorização para desenvolvê-la. A equipe compreendeu como interessante este processo ser documentado. Cada integrante da equipe recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa, assim como a Secretária Municipal de Educação, que autorizou a realização da pesquisa em uma escola da rede municipal.

Nesta reunião ficou combinado que todos da equipe se envolveriam nos estudos com responsabilidade e comprometimento. Também foi decidida, no coletivo, a necessidade de reuniões mensais. Sendo uma no turno da noite com todo o grupo e uma no horário do meio dia, acontecendo num dia com a equipe que trabalha no turno da manhã e no outro com a equipe que trabalha no turno da tarde, pois as crianças frequentam a escola no turno integral, e não tem como deixar as salas sem professores. O grupo sentiu a necessidade que durante estas reuniões não deveria surgir outros assuntos mais gerais, precisando se deter na Proposta.

No decorrer do processo, foi avaliado pelo grupo que as reuniões

precisavam acontecer com toda a equipe reunida, e que não estavam considerando produtivas as que aconteciam no horário de meio-dia. Ficavam comprometidas, pois havia professores que trabalhavam em outras escolas, até mesmo em outros municípios e acabavam tendo que sair antes. Inclusive sugeriram encontros em sábados para aproveitarem melhor o tempo.

Faz-se necessário evidenciar os sujeitos que constituem esta equipe da escola onde foi desenvolvida a pesquisa. Para não expor os profissionais, decidi usar as letras iniciais do nome para identificá-los. Destaquei em negrito, as que participaram da entrevista.

Identificação		Idade	Formação	Função	Tempo de experiência	Tempo de atuação nesta escola	Turma em que atua
Equipe Diretiva	M.I.S.	48	Pedagogia/ Concluindo Pós em Educação Infantil	Diretora	8 anos	7 meses	
	M.O.B.	33	Concluindo Pedagogia	Vice-diretora	8 anos	7 meses	
Professoras	C.S.P. (contrato em virtude de Licença Gestante)	51	Pedagogia/ Pós em Educação Infantil	Professora	12 anos	2 meses	Berçário A
	C.P. (Licença Gestante)	29	Pós em Estimulação Precoce	Professora	5 anos	7 meses	Berçário A
	P.G.P.	26	Pedagogia	Professora	9 anos	7 meses	Berçário B
	P.M.D. (contrato)	36	Cursando Pedagogia	Professora	7 anos	6 meses	Nível A

	R.W.	28	Magistério/ Cursando Pedagogia	Professora	10 anos	7 meses	Nível A
	A.P.M.	30	Pedagogia/ Pós em Alfabetização	Professora	3 anos	7 meses	Nível B
Auxiliares de Educação	L.P.N.	34	Pedagogia	Auxiliar de Educação	10 anos	3 meses	Berçário A
	T.A.S.	31	Cursando Pedagogia	Auxiliar de Educação	7 anos	7 meses	Berçário A
	V.R.	35	Ensino Médio	Auxiliar de Educação	2 meses	2 meses	Berçário A
	V. L.M.	23	Cursando Pedagogia	Auxiliar de Educação	3 anos	3 meses	Berçário B
	P.W.B.H.	21	Cursando Pedagogia	Auxiliar de Educação	4 meses	4 meses	Berçário B
	M.F.S	40	Magistério	Auxiliar de Educação	7 meses	7 meses	Berçário B
	C.M.W.	42	Ensino Médio	Auxiliar de Educação	18 anos	7 meses	Berçário B
	K.S.S.	27	Concluindo Pedagogia	Auxiliar de Educação	3 anos	7 meses	Nível A
	A.F.S.F.	36	Pedagogia	Auxiliar de Educação	6 anos	6 meses	Nível A
	D.E.S.	22	Cursando Pedagogia	Auxiliar de Educação	6 anos	7 meses	Nível B
Funcionárias	L.M.W.	40	Ensino Médio	Cozinheira	15 anos	7 meses	Cozinha
	R.A.B.	30	Ensino Médio	Auxiliar Serviços Gerais	7 meses	7 meses	Cozinha
	G.M.S.	51	Serviço Social	Auxiliar Serviços Gerais	6 anos	1 mês	Limpeza

Através desta tabela pode-se perceber que o grupo era constituído por profissionais do sexo feminino, todas concursadas e a maioria jovem e com formação superior. Algumas estão tiveram sua primeira experiência nesta escola. Outro dado significativo, é que há mais auxiliares de educação do que professoras no quadro da escola. Esta ainda é uma realidade que o município vem enfrentando em todas as escolas de Educação Infantil.

Na primeira reunião sugeri para a equipe como instrumento de registro, o diário coletivo dos encontros. Este é uma adaptação das notas de campo (Bogdan e Biklen (2010)) onde foram relatados os encontros realizados no decorrer da construção da Proposta Pedagógica e as discussões vivenciadas, sendo também uma documentação para a escola e um material que contribuiu com a escrita da proposta da escola. O primeiro registro foi feito individualmente, os demais, as professoras e funcionárias preferiram escrever por grupo, acreditando que ficaria mais completo.

Nestes relatos pode-se perceber que há uma dinâmica coletiva movendo esta construção da Proposta, exigindo constantemente planejamento, reflexão, avaliação e replanejamento. Como afirma Barbier (2007)

“O espírito mesmo da pesquisa-ação consiste em uma abordagem em espiral que a toda a utiliza. Significa que todo avanço em pesquisa-ação implica o efeito recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação.... Assim, na ação, o pesquisador passa e repassa seu olhar sobre o objeto, isto é, sobre o que vai em direção ao fim de um processo realizando uma ação de mudança permanente... (p.117)

Este movimento de planejar e replanejar fez com que eu recordasse alguns momentos vividos no grupo, entre eles, reuniões que haviam sido agendadas e conforme levantamento da direção, como algumas pessoas não poderiam participar, foram reagendadas, pois o grupo priorizava a participação do maior número de colegas possível, bem como, textos que foram sugeridos para estudo, e que a equipe preferiu dividir por capítulos para cada grupo poder aprofundar e depois socializar.

No início das reuniões a equipe diretiva juntamente com a coordenação pedagógica organizava um momento inicial de reflexão para introduzir a pauta de discussões e estudos. Para a primeira reunião apresentamos o vídeo do diálogo da Alice do País das Maravilhas com o gato, que diz:

“Podes dizer-me, por favor, que caminho deve seguir para sair daqui”?
Isso depende muito de para onde queres ir - respondeu o gato.
Preocupa-me pouco aonde ir - disse Alice.
Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas - replicou o gato.
Lewis Carroll

Desta forma, a reflexão feita foi que apesar da escola ter certeza de onde quer chegar, muitas vezes tem que avaliar se o caminho que está sendo seguido é o melhor, avaliando e replanejando. E assim, foi sendo construído o caminho trilhado pela equipe e por mim. Algumas pessoas que estavam no início, acabaram saindo em função do término do contrato, novos profissionais foram constituindo o grupo, e esta questão exige esse ir e vir, quem está chegando precisa se apropriar do processo, exigindo que algumas questões sejam retomadas.

Quando o autor Barbier define a pesquisa-ação como uma espiral entendo como a ideia de movimento, e isto foi vivido na escola. Percebo que o propulsor deste movimento foi justamente os estudos e reflexões sendo debatidos em grupo e sempre aproximando às vivências pedagógicas. Ou ainda, conforme Ghedin e Franco.

“as espirais permitem o retorno ao vivido, a reinterpretação do compreendido, revisões do já realizado, acerto de perspectivas e possibilidades, além de garantir uma avaliação formativa do processo e a objetivação das conquistas do grupo. É um processo eminentemente pedagógico, coletivo e compartilhado.” (2011, p.243)

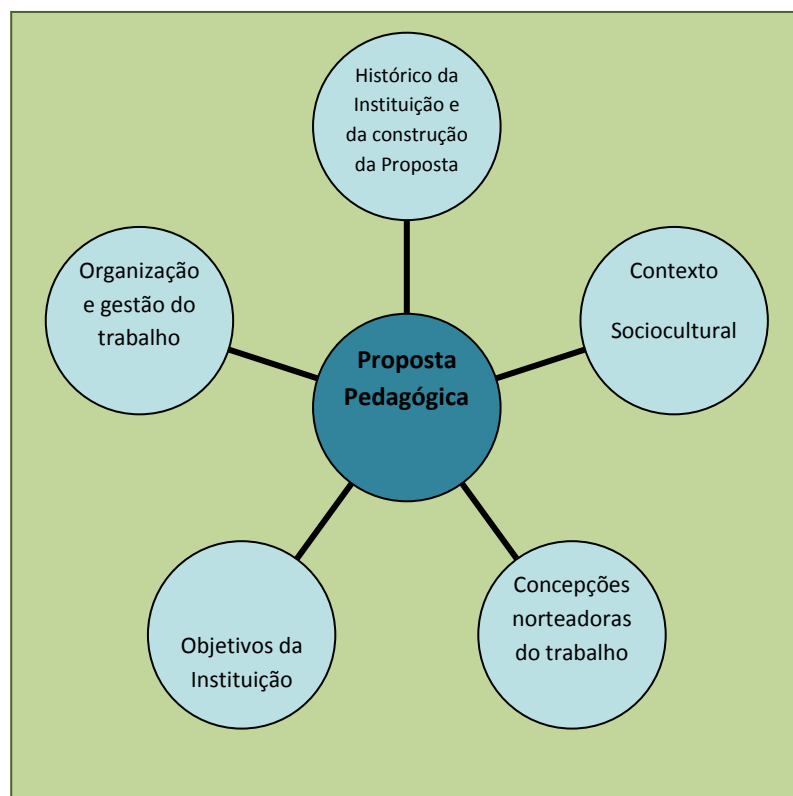
É válido ressaltar que os primeiros encontros foram direcionados para estudo, utilizando textos como o Parecer CNE/CEB nº 20/2009 que fixa as Diretrizes Nacionais da Educação Infantil e a Resolução CNE/CEB nº 05/2009, o Relatório das Práticas Cotidianas na Educação Infantil- *bases para a reflexão sobre as orientações curriculares*, textos trabalhados nos encontros de assessoramento realizados pela UFSM, entre outros materiais. E para dinamizar as discussões a equipe se organizou em três grupos, conforme o número de turmas que eram atendidas na escola no início da construção. Com o passar dos meses a escola passou a ter quatro turmas, mas como os grupos já estavam constituídos preferiram seguir desta forma.

Destaco que os momentos de formação proporcionados pela SMED para todos os profissionais que atuam na Educação Infantil também repercutiram neste processo de construção da proposta na escola. Principalmente os encontros que foram realizados referentes à documentação pedagógica, sendo este um tema bastante pertinente para a escola, que precisava definir a maneira de

acompanhamento pedagógico de cada criança, sendo a avaliação um dos aspectos que compõe a Proposta Pedagógica.

Com base nos estudos teóricos realizados a partir do livro “Currículo na Educação Infantil” das autoras Salles e Faria (2012), a coordenação pedagógica elaborou um organograma com os principais itens que devem compor a Proposta Pedagógica, embasado no livro citado. Eu e a diretora da escola tivemos a oportunidade de conhecer as autoras e o livro através do Seminário de Assessoramento Pedagógico ocorrido em Santa Maria.

Este organograma foi apresentado à equipe e a partir disto percebi que houve mais tranquilidade, pois conseguiram visualizar melhor o caminho que iria ser trilhado.



É importante destacar que o item “organização e gestão do trabalho” conforme Salles e Faria (2012) é constituído pelas seguintes temáticas relacionadas a questões administrativas e pedagógicas:

- 1- Organização dos tempos
- 2- Organização de espaços, equipamentos e materiais
- 3- Organização das crianças
- 4- Organização das metodologias de trabalho
- 5- Avaliação e acompanhamento
- 6- Organização do currículo
- 7- As relações entre todos os atores envolvidos
- 8- Organização dos profissionais e condições de trabalho
- 9- Organização do trabalho com as famílias e comunidades
- 10- Organização das formas de gestão institucional

A partir deste organograma a direção conversou com cada grupo e definiram as temáticas que conduziram a escrita do texto de referência, considerando os estudos realizados, as questões da ação pedagógica que foram discutidas, os registros feitos no diário coletivo, os questionários respondidos pelos pais e funcionários e as observações das crianças. Este processo iniciou no mês de outubro e foi até dezembro.

Os grupos tiveram um prazo para escrever sobre as temáticas escolhidas e conforme a decisão dos grupos foi realizada uma reunião num sábado pela manhã, onde cada grupo apresentou seus textos e os demais puderam se manifestar contribuindo com as escritas, aprovando os textos que constituíram a Proposta Pedagógica da escola.

Além do diário coletivo que foi um dos instrumentos da pesquisa, construí o meu diário de bordo, onde fazia os registros a partir das minhas observações durante as reuniões, registrando minhas impressões e sentimentos. Os autores Bogdan e Biklen (2010) citam as notas de campo como o relato escrito daquilo que o

investigador ouve, vê, experiência e pensa. É constituída pela parte descritiva, caracterizada pelos registros dos detalhes do local, das pessoas, das ações e pela parte reflexiva, a parte onde aparece o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações. Considerando estas definições preferi utilizar o termo diário de bordo no lugar de notas de campo, mas percebo que tem o mesmo sentido. Como foi minha primeira experiência na escrita do diário para uma pesquisa, senti bastante dificuldade em realizar os registros.

Também durante os encontros procurei fotografar os diferentes momentos. Outro importante instrumento de coleta de dados foi à entrevista. Optei em realizá-las mais próximo do processo final da construção da proposta, pois tinha a intenção de ouvir as opiniões e impressões do processo vivido. As entrevistas foram realizadas durante o mês de dezembro com uma pessoa da equipe diretiva, uma professora, uma auxiliar de educação, uma funcionária e um representante das famílias, considerando os seguintes critérios: uma pessoa de cada segmento, ter acompanhado o processo desde o início e ter disponibilidade para a entrevista. Conforme Zago (2003) ao adotarmos a entrevista em profundidade, a intenção não é produzir dados quantitativos, e nesse sentido as entrevistas não precisam ser numerosas. Se o que nos interessa é a representatividade, nesse caso... Precisamos fazer entrevistas que cubram todo o leque do meio pesquisado (p.297). Desta forma, justifico a escolha de uma pessoa de cada segmento para compor o grupo de entrevistados.

Durante as entrevistas, com autorização prévia optei em fazer uso de um gravador. Zago (2003) defende que

A gravação do material é de fundamental importância, pois, com base nela, o pesquisador está mais livre para conduzir as questões, favorecer a relação de interlocução e avançar na problematização. Esse registro tem uma função também importante na organização e análise dos resultados pelo acesso a um material mais completo do que as anotações podem oferecer e ainda por permitir novamente escutar as entrevistas, reexaminando seu conteúdo. (p.299)

Monteiro (1991) em seu artigo “A pesquisa qualitativa como opção metodológica” define que a entrevista representa um instrumento básico na coleta de dados dentro da pesquisa qualitativa. Por conter um “caráter de interação que

permeia e que permite uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde, pode ser de grande utilidade para a pesquisa em educação.”

Após as entrevistas realizadas com uma pessoa de cada setor, fiz as transcrições na íntegra, preservando as falas de cada pessoa. No processo de leitura das entrevistas optei em realizar a análise da pesquisa considerando três categorias, são elas: atendimento das crianças de zero a três anos de idade; processo de elaboração da Proposta Pedagógica e o papel da coordenação pedagógica neste processo.

A partir da análise destes instrumentos, torna-se possível fazer algumas reflexões sobre este processo de construção da Proposta Pedagógica vivenciado na escola, entendendo como cada profissional percebeu esta caminhada junto com a coordenação pedagógica municipal da Secretaria Municipal de Educação. No próximo capítulo apresento estas reflexões.

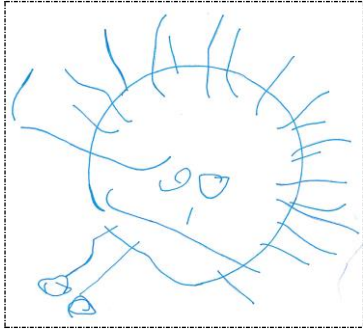
5. ANÁLISES: articulando os dados da pesquisa com o estudo teórico

A partir desta pesquisa, busquei investigar a atuação da coordenação pedagógica no processo de elaboração da Proposta Pedagógica de uma escola do Proinfância recentemente inaugurada no município, considerando como questão norteadora: Como a coordenação pedagógica municipal pode articular ações e estratégias para contribuir na elaboração da Proposta Pedagógica de uma Escola de Educação Infantil- Proinfância juntamente com a comunidade escolar?

Além do meu diário de bordo e do diário coletivo da escola que me auxiliaram nas memórias de todo o processo vivenciado, foi considerado “corpus” desta pesquisa as entrevistas realizadas com uma pessoa de cada setor da escola e um representante das famílias, buscando em seus depoimentos perceber como cada um percebeu o processo de construção da Proposta Pedagógica.

Considero interessante apresentar as pessoas entrevistadas descrevendo suas trajetórias que contextualizam suas falas durante as referidas entrevistas. Solicitei a duas crianças que desenhassem as pessoas que foram entrevistadas, pois todas são do convívio delas. Então, utilizo os desenhos das crianças para identificar as cinco pessoas entrevistadas no decorrer do texto.

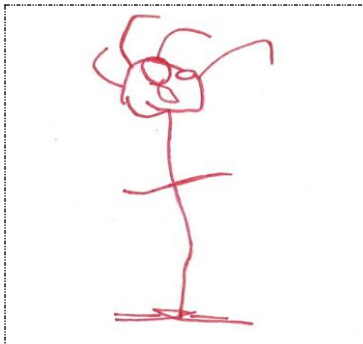
Destaco que os autores dos desenhos são: **K. R. K**, menino com 3 anos de idade e **E. V. J**, menina de 3 anos de idade, ambos entraram na escola logo que ela foi inaugurada e nunca haviam frequentado outra escola. O menino K. R. K, em seus desenhos escolheu representar sua mãe e a professora, a menina E.V. J escolheu desenhar a auxiliar de educação, a diretora e a funcionária.



Este desenho representa a auxiliar de educação **M. F. S.**, com 40 anos de idade, formada no magistério, que está tendo sua primeira experiência em escola e está atuando na turma de Berçário B, inicialmente atuou no Berçário A. Suas experiências anteriores foi somente cuidando de crianças em casa. Acompanhando seu trabalho e também da maneira como se expressou durante a entrevista percebo que demonstra muita realização e encantamento ao trabalhar com os bebês, transmitindo muita alegria.



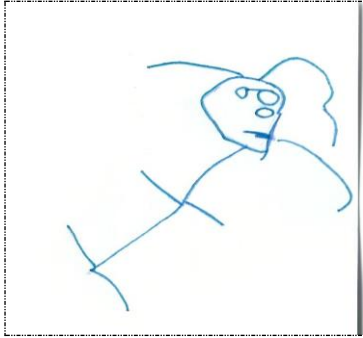
Esta é a funcionária **L.M.W.** de 40 anos de idade que trabalha na cozinha da escola, desde que a escola inaugurou. É sua primeira experiência na cozinha de uma Escola de Educação Infantil, atua há 15 anos no município, mas sempre em Escola de Ensino Fundamental. Juntamente com mais uma colega, constituem uma equipe, que tem o poder de transformar os alimentos para chegar até as crianças.



Com 30 anos de idade e 3 anos de experiência, a professora **A.P.M.** está se descobrindo professora de crianças bem pequenas, tem muitas dúvidas e muita vontade. Antes de ser nomeada professora no município, tinha nomeação de auxiliar de educação e atuou 1 ano e meio em outra Escola Municipal de Educação Infantil se exonerando no final de 2012. Não reside no município de Vera Cruz. Também trabalhou no ano de 2013 com desdobramento em uma turma de 2º ano em uma EMEF no interior do município.



Atuando como diretora da escola, **M.I.S.** de 48 anos de idade, formada em Pedagogia, terminando uma Pós em Educação Infantil aceitou encarar um desafio grandioso, que foi assumir a gestão de uma escola recém-inaugurada. Tem 8 anos de experiência na Educação Infantil



Mãe do menino K., C.E. têm 24 anos de idade, mora próximo a escola e trabalha como atendente de padaria. Tem apenas um filho, e demonstrou durante a entrevista estar muito satisfeita e feliz com o trabalho que a escola vem realizando.

Estando todas as entrevistadas apresentadas, procurei organizar este capítulo em três categorias de análise, considerando os objetivos da pesquisa, as entrevistas realizadas e os registros dos diários. São elas: atendimento de crianças de zero a três anos de idade, o processo da elaboração da Proposta Pedagógica e o papel da coordenação pedagógica neste processo, considerando os estudos realizados.

5.1. *NOVO OLHAR*: Especificidade do atendimento de crianças de zero a três anos de idade

Considerando a faixa etária que a escola atende que se diferencia das demais escolas do município, senti a necessidade de questioná-las quanto a este atendimento, procurando entender como estavam se sentindo, se percebiam que as especificidades das crianças estavam sendo contempladas no dia-a-dia da escola.

Acompanhando o grupo nos momentos de estudo e discussões, muitas vezes ouvi a expressão “*novo olhar*”, principalmente das educadoras que já haviam trabalhado em outras escolas ao se referir a rotina e as práticas pedagógicas que estavam acontecendo na escola. Durante as discussões relatavam que nesta escola estavam percebendo um olhar mais atento para as crianças, ou seja, um olhar para cada criança e família de maneira singular. E desta forma justifico a escolha do título desta categoria.

No depoimento a seguir podemos perceber esta questão:

Eu noto bastante diferença em relação às outras que eu já trabalhei, eu tive na.... E na..., aqui o olhar é mais voltado para as crianças, tem uma preocupação maior, porque na... Eu me lembro assim, que era, por ser um número maior de crianças também, era, tipo a rotina era mais rígida, aqui a gente tem mais flexibilidade e a gente pode escolher, tem mais opção de escolha de como trabalhar, lá era muito, não sei se porque também aqui as colegas são todas novas, e lá eram pessoas que estavam trabalhando há muito tempo, então elas tinham certa resistência ao novo, novas ideias, novas formas de trabalhar, eu não gosto muito desta coisa de rotina fixa, sabe, agora tem que ser assim, agora tem que ser assado...é muito rígida. A rotina eu entendo que é interessante, para a criança se orientar, mas dentro disso a gente pode variar até pra não ficar uma coisa monótona porque eles passam muito tempo aqui, né. Eu acho que a escola nesse sentido tá super bem, e eu percebo que a direção e vice-direção são muito sensíveis nesse sentido, sabe. Como é que eu vou te dizer... Elas te apoiam nesse sentido... Da escola como um todo, eu percebo que as colegas também são mais sensíveis, eu não sei se é por que a escola é nova, a maioria daqui é nova, várias são novas, tem mais vontade também. Atribuo a isso também a mudança.



Compreendo estes aspectos citados pela professora, e atribuo que este “*novo olhar*”, como já disse anteriormente, refere-se ao foco dado às crianças no contexto da escola, fazendo diferença no trabalho desenvolvido. Este fato deve-se aos estudos em grupo e as concepções mais recentes em relação a Educação Infantil que foram discutidas no percurso deste processo nas diferentes oportunidades vivenciadas, que já expressavam a ideia da criança como sujeito singular e como autor de todo o processo. Brasil (2009) alerta que o desafio é produzir uma nova forma de educar crianças em estabelecimentos educacionais. “Cabe-lhe acolher as crianças; ouvindo-as em suas necessidades, desejos e inquietações; apoiando-as em seus desafios e ensinando-as a conviver favorecendo o sucesso das crianças.” (p.89-90)

O depoimento da mãe entrevistada ilustra um pouco a citação acima:

Eu achei bom, o K. , sabe, não tinha paciência com criança menor, não gostava de dar brinquedo, alguma coisa, agora já não, quando tem um pequeno “Ah, mãe ele é menor”, ajuda a cuidar já, no caso, antes não. Era meu e era meu, agora não, sabe dividir, sabe, ele é pequeno, ele é maior, ele cuida, ele não cuida. Ele sabe dividir as coisas, coisa que antes era não que a gente não ensinasse, mas ele não pegava, sabe. Quanto mais dizia, não... E lá no interior, onde a gente morava, não tinha criança do tamanho dele, era só ele de pequeno mesmo.



A criança ao entrar na escola enfrenta este grande desafio que é o de aprender a conviver com outras crianças, e na escola pesquisada vivenciei em diversos momentos a interação de todos nos diferentes espaços, os maiores com os menores, com os bebês, expressando carinho e muito cuidado, são estas relações que emergem no/do currículo da Educação Infantil.

Percebi na fala da professora, da diretora e da auxiliar de educação mais algumas questões relativas ao currículo que considerei interessante destacar:

Eu tenho tido bastante dificuldade, bastante. Por que eu não tenho muita noção do que trabalhar, sabe. Como são crianças que não estavam em escola, só tem o F. Que já vinha de outra escola, todos são novos nesse ano e alguns nesses últimos meses, eu tenho trabalhado bastante assim, higiene, sabe, autonomia no banheiro, na hora das refeições, compartilhar brinquedos e espaços, eu tenho trabalhado bastante nesse sentido. Eu sinto assim, a gente até trabalha com papel,... Como vou te dizer, eu trago as coisas meio prontas, e isso me incomoda um pouco, eles também não tem autonomia pra cortar, na hora da pintura... Tudo é novo, todos os materiais, eu percebo que tem criança que nunca usou um lápis, que nunca escreveu no papel. Eu tenho dificuldade nesse sentido, o que trabalhar nesse sentido, por que o corpo, as brincadeiras, isso tudo é mais fácil, agora na hora de sentar e trabalhar... É o que eu tava falando, a maioria não convive com outras crianças, quando chega à escola, é tudo lindo, tudo novo, eles querem tudo pra eles, tem aquela coisa meio egocêntrico ainda, né da idade. Tenho trabalhado bastante em cima disso.



Eu acho que tudo que é feito é importante, através das brincadeiras, que nem no berçário, na alimentação, na troca de fralda, tudo tu tá fazendo alguma coisa, sempre educando e cuidando, tu não tá só cuidando as crianças. Tem pessoas que não pensam assim, que acham que tão só cuidando, não tem esta concepção. Mas eu acho que o cuidar e educar sempre junto, né. Todas as coisas que fazem com eles, escovação de dente, o almoço, tudo tem que ter esse olhar, né.



Acho que é um trabalho muito bom, a gente que tá começando lá, eu acho, como eu disse eu não tenho muita experiência, mas eu acho um trabalho muito bom, e com certeza, muita coisa a gente ainda pode melhorar né... Temos uma alimentação muito boa, brincadeiras diversificadas, sempre estudando coisas novas, aprendendo, nós também aprendendo para passar para as crianças, aprendizagens novas, coisas novas para eles. Eu acho que é uma posição muito boa da escola com as crianças, acho que eles têm tanto a parte física também, tanto as salas, a área de lazer, tudo né, eu acho bem legal.



Nestas falas, podemos perceber a compreensão que as entrevistadas têm em relação ao currículo. Destaco a concepção da professora que está num processo de se constituir professora de crianças bem pequenas e demonstrou bastante inquietação durante a entrevista. Na fala da diretora e da auxiliar de educação percebe-se o entendimento sobre a relação do cuidar e do educar e como ambos constituem o currículo. Considerei importante trazer um registro do diário coletivo para demonstrar que este tema foi debatido também nos encontros:

“Observamos também que durante este início de processo de trabalho da EMEI, constatamos avanços significativos em várias crianças, como falas, engatinhar, caminhar com mais segurança, subir e descer degraus, entre outras tantas experiências... acreditamos que a construção da autonomia da criança deve fazer parte do currículo, para que ela aprenda a cuidar de si e do seu convívio social.” (Diário coletivo, 26 de agosto de 2013)

Conforme Brasil (2009)

“Os conteúdos iniciais da educação das crianças pequenas apresentam uma profunda relação com a vida cotidiana”. São, inicialmente, os conteúdos desta faixa etária: o alimentar-se, o lavar-se e o vestir-se, o descanso, o controle do corpo, o brincar, o jogar e o explorar a si mesmo e ao entorno, o separar-se e o reencontrar-se, o movimentar-se, o conviver com os demais e tantos outros conteúdos. (p.83)

Contribuindo, cito Barbosa (2010)

Porém, quando pensamos nas crianças bem pequenas, isto é, nos bebês temos dúvidas sobre como propor este currículo. Ora, não será certamente através de aulas, de exposições verbais, mas, como vimos anteriormente, a partir da criação de uma vida cotidiana com práticas sociais que possibilitem alargar horizontes, ampliar vivências em linguagens, para que os bebês experienciem seus saberes. Serão exatamente esses primeiros saberes, essas experiências vividas principalmente com o corpo, através das brincadeiras, na relação com os outros – adultos e crianças – que irão constituir as bases sobre as quais as crianças, mais tarde, irão sistematizar os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. (p.5)

Como o tempo que a escola teve para a elaboração da Proposta foi reduzido, o grupo tem clareza que há a necessidade de continuar estudando alguns temas, entre eles, o currículo, um assunto pertinente e fundamental para consolidar a Proposta Pedagógica da escola. Esta é inclusive uma meta de ação da SMED para o ano de 2014, para mobilizar todas as escolas de Educação Infantil e professores de Pré-escola para construir um documento coletivo referente ao currículo da Educação Infantil.

Ter consciência de que esta foi a primeira construção da escola e que está inacabada, vai motivar o grupo a estar buscando mais conhecimento, se nutrindo e refletindo a partir da realidade desta escola.

Para finalizar as reflexões sobre esta primeira categoria, destaco a fala da auxiliar de educação quando questionada se ela percebia que as especificidades dos bebês e das crianças bem pequenas estavam sendo contempladas na escola.

Acho que sim, com certeza que sim, a gente tá levando isso muito em conta nesta proposta, afinal, a proposta tem que ser pra eles também, né e tem que partir deles, tem que ser uma coisa conjunta, eu acho que tá sendo, eu acho que a gente sempre pensa, em tudo que a gente vai fazer, a gente sempre pensa na idade deles pra fazer, pra elaborar esta proposta.



Através deste depoimento é possível perceber que toda a elaboração da Proposta Pedagógica teve um objetivo distinto para o grupo, que foi o de referendar e embasar o cotidiano vivido na escola, e demonstrou que para ter sentido é necessário contemplar as crianças, entendê-las como sujeitos ativos, protagonistas de todo o processo. Ou seja, “para os bebês, a ida para a creche significa a ampliação dos contatos com o mundo” (BARBOSA, 2010, p.5) e cabe à escola oportunizar a cada bebê e criança que ampliem seus repertórios sociais e culturais, considerando que quase tudo é novo para a criança e para isso, ela precisa de tempo para explorar e viver intensamente cada experiência, se apropriando desta forma, de um novo saber, de uma nova linguagem.

5.2. “*PROPOSTA PEDAGÓGICA, QUE BICHO É ESSE?*”- O processo da elaboração da Proposta Pedagógica.

“Pensando numa educação de qualidade para todos, voltamos nosso olhar para uma etapa que por muito tempo não foi valorizada como deveria, a educação da primeira infância, a etapa mais importante da vida da criança. E com esse novo conceito, buscamos elaborar a proposta pedagógica para nossa escola, que realmente faça a diferença, que seja a “cara” da escola e que principalmente coloque em prática as excelentes ideias de todos da comunidade escolar, pra este público tão especial que são nossas crianças. (Diário coletivo, 14 de agosto de 2013)

Penso que com esse registro do diário coletivo da escola, seria a melhor maneira de iniciar esta categoria, pois é um registro que demonstra muito do que as entrevistadas manifestaram sobre todo este processo rico que foi vivenciado em pouco menos de um ano pela equipe da escola.

Foi tudo novo, assim oh, eu, por exemplo, não tinha a menor ideia de uma proposta pedagógica, não sabia nem onde era o começo, meio e fim, não sabia nada, não sabia nem direito pra que servia isso, a proposta pedagógica, sabia, por exemplo, que cada escola tinha que ter, mas... Era um documento guardado lá, que a escola tinha que ter, pra mim a proposta pedagógica era isto, era um livro fechado lá no canto. Hoje sei que não é isso. A proposta tanto parte da gente como a gente têm que ir lá modificar ela, na medida em que for precisando, na medida em que for aparecendo coisas novas, que a gente precisa modificar. E é uma coisa em construção, não é um livro fechado, como vi, na época que estudava né, que a gente fazia visitas em escolas. Eu vi e nem um momento que eu lembre foi falado em proposta pedagógica. Ah, porque a gente trabalha assim porque tá de acordo com nossa proposta pedagógica, não me lembro disso, então pra mim, proposta pedagógica que bicho é esse, né, pra que serve isso, né? Então, é uma coisa que a gente... Eu tô aprendendo muito com isso, aprendendo tanto a estruturar ela, como, a saber, usar, saber que não é pra tá guardada. Que é uma coisa pra ser usada.



Como a equipe da escola se constituiu por algumas profissionais sem experiência, foi considerado no planejamento dos encontros que o primeiro assunto a ser apresentado deveria ser o que é uma Proposta Pedagógica, para que serve quais os elementos que a constitui e por quem deve ser elaborada. Os depoimentos acima ressaltam a importância desta abordagem inicial, já que cada escola possui autonomia para a elaboração do documento. As entrevistadas relataram suas experiências anteriores neste aspecto, destacando a não participação no processo de construção da proposta, reforçando a ideia que circula em muitos estabelecimentos de ensino, que o conhecimento cabe a algumas pessoas, alguns são os “detentores do saber” e cabe a eles elaborar este documento.

Ao questionar sobre como perceberam o processo de elaboração da Proposta, senti em todas as falas o destaque para a participação e envolvimento de

todos, um dos princípios que Salles e Faria (2012) definem como essencial para a Proposta Pedagógica ter sentido para escola.

Eu acho que a gente tá caminhando. Sabe, é um caminho que tá seguindo. Acho que tá sendo bem bom pra todo mundo, todo mundo tá aprendendo, não é só direção, os colegas, as auxiliares, todo mundo tá envolvido, de alguma forma lendo, e todo mundo aprende com isso. Foi bem importante, e tá sendo um trabalho em conjunto, não tá sendo uma coisa individual que eu e a coordenação estamos montando... Nós estamos construindo no coletivo, porque as gurias estão colocando a contribuição delas, nos dividimos, cada uma tá colocando um pouco, pra recheiar. Acho que foi bem positivo.



Eu acho que foi tudo muito democrático, todo mundo teve vez pra falar, assim e foi escutado e foi levado em consideração o que todo mundo falou. Eu acho que faltou um pouco da participação dos pais. Porque eu acho que só o questionário é pouco, até porque alguns pais não entenderam alguns questionários que eu li eu percebi que alguns pais não entenderam o que estava sendo perguntado. Acho que de repente se houvesse um diálogo, nesse sentido, a pessoa falaria até ser entendida. Eu não sei, até porque muitos pais não tinham crianças na escola ainda, é um contato novo com uma escola de educação infantil, nesse sentido eu acho que de repente pecou um pouco. Mas em relação a nós, professores, educadores. Acho que a gente teve bastante voz, acho que todo mundo participou de alguma forma, em algum momento participou. E pra mim também foi uma coisa nova porque eu nunca tinha participado da construção, nem da reestruturação de um PPP.



Este aspecto relativo à participação das famílias foi destacado pela professora durante a entrevista expressando a necessidade de ampliar esta participação. No mês de dezembro de 2013, a escola conseguiu terminar a primeira versão da proposta, mas foi estabelecido como meta para 2014, logo no início do ano, realizar uma reunião com as famílias para apresentar e avaliar a Proposta.

Entendendo que “as famílias não podem ser vistas apenas como usuárias de um serviço, mas como colaboradoras, isto é, co-autoras do processo educacional

(BARBOSA, 2010, p.4) considero que ainda foi frágil a participação das famílias no decorrer do processo da construção da proposta.

Destaco o depoimento da mãe entrevistada em relação a sua participação através do questionário enviado pela escola:

Participei. Acho que é bom, porque é o jeito, um modo da gente também se expressar através da escrita, né. Porque muitas vezes você não consegue vir aqui e dizer, e assim pelo questionário você consegue dizer o que tu acha, eu achei bom.



Através deste depoimento podemos entender que foi positivo a utilização do questionário com os pais. A escola teve o cuidado de ler todos os questionários, construir gráficos, a partir das questões mais específicas, como profissão, quantidade de filhos, religião e de considerar na escrita da proposta as concepções manifestadas em suas respostas, como concepção de criança, infância, escola de educação infantil, incluindo, como citações as respostas dos pais.

Analiso que além da utilização do questionário, outras estratégias, sejam elas coletivas ou individuais, podem contribuir com a comunicação e vínculo das famílias com a escola, entre elas, reuniões, plenárias, mutirões, festividades, conversas informais. Desta forma, “as famílias irão sentir-se valorizadas e afirmadas na sua função parental, de responsáveis pela educação de seus filhos. A pluralidade de encontros favorece a construção de laços, a confiança e a troca.” (BARBOSA, 2010, p.7) Esta é uma das responsabilidades dos gestores, garantir a oportunidade de participação das famílias na vida escolar de seus filhos.

No processo de elaboração da Proposta Pedagógica as autoras Salles e Faria (2012) citam e definem os princípios participação/ envolvimento e compromisso:

Participação/ Envolvimento: Todas as pessoas que compõem o coletivo da IEI precisam se sentir sujeitos da construção da Proposta Pedagógica, e não meros destinatários de propostas pedagógicas elaboradas em outras instâncias. Somente com base nesse efetivo

envolvimento é que as pessoas se comprometerão com aquilo que construirão.

Compromisso: Aqueles que participam da elaboração da Proposta Pedagógica devem se comprometer com a implementação das questões nela registradas, avaliando-as continuamente. (p.48)

Nos depoimentos a seguir poderemos visualizar como esses princípios estiveram presentes nesta caminhada.

Eu acho que é um pouco diferente, a gente tá aqui, fala bem sincera, em outros municípios eu peguei pronto, o regimento tá pronto, o PPP tá pronto e não muda, fica aquilo, ninguém perguntou pros professores vocês acham que tem que mudar alguma coisa aqui e quando foi construído, numa outra escola, eu também senti, sabe, a gente participou, os professores participaram mesmo foi só dos questionário, não foi do resto da construção do PPP como nós estamos construindo junto, tá sendo uma construção junta, lendo textos, fazendo resumos, colocando pro grupo, fazendo cartazes, a gente tá fazendo várias reuniões, todo o grupo participando, eu já participei de outro que foi só o questionário, mas nada. O nosso tá sendo um PPP mesmo, a escola tá vivenciando, tá sendo bem legal, tá sendo diferente dos outros que eu já vi.



Da parte dos funcionários todos participaram, sabe, acho que todos assim, eu vejo pela minha sala que a gente se reunia, mesmo estando em horários diferentes, a gente dava um jeito de se reunir num horário todo mundo junto pra conversar, sobre como fazer, a gente tem pouco tempo, então a gente faz uma parte, você faz outra, vamos juntar, vamos ler, vamos ver como ficou, ver se tá dentro da realidade das dúvidas, vamos perguntar na direção, vou perguntar lá na outra sala, fulano sabe melhor sobre essa parte, isso eu achei muito legal, muito positivo, muita participação a nível do pessoal, dos funcionários, direção, tudo, né.



Destaco neste último depoimento que além do processo proposto ao coletivo, também teve o processo interno dos grupos, estes sempre tiveram autonomia para contribuir com a proposta. Percebi que alguns grupos se detiveram aos textos sugeridos e outros foram muito além, buscando outros materiais.

Nestas duas falas, além desses dois princípios, podemos perceber que os demais princípios unidade, sistematização, consciência, necessidade, contextualização, consistência e coerência também constituíram todo esse processo. O princípio do dinamismo/provisoriedade, que conforme Salles e Faria (2012) “esse é um trabalho que nunca acaba: sempre precisa ser revisto avaliado e modificado” (p.48) pode ser visualizado no depoimento a seguir:

Foi bom, teve os textos, teve o assessoramento do Próinfância que nos auxiliava, tudo foi bem bom pra nós. Porque já dava uma ideia do que fazer, e o que eu acho é que o tempo foi pouco, que precisava de mais tempo pra nós, porque a gente tá apostando. Isso aqui é uma aposta, a gente tá construindo o PPP apostando que isso vai ser válido para a escola. Agora a gente não tem certeza, porque a nossa caminhada ainda é pequena, eu acho pouco tempo que a escola está funcionando. Eu acho que com mais tempo teria mais, perceberia mais o que seria necessário... a gente tem que refazer sempre, sempre acrescentando, vai ter sempre mudanças, o grupo vai mudar, vai mudar, tu vai vendo o que vai precisar, caminhando é que a gente vai vendo o que precisa na escola, o que tem que melhorar, o que tem que mudar no PPP. Porque ele tem que ser a carinha da escola, dá pra dizer, o cartão de visitas.



Analisando todo o processo vivido junto ao grupo, também percebi os aspectos destacados nos depoimentos e considero que foi uma construção positiva. Sabemos que não tem uma regra específica de como elaborar a proposta, mas acredito que para este grupo, a forma como fomos caminhando foi importante, pois o grupo estava partindo do zero, tudo era novo para a escola, muitas construções em termos de rotina, organização de espaços, processo avaliativo, enfim, o cotidiano escolar precisava ser construído. Compreendo que não podíamos começar sem propor o estudo teórico.

Acredito que a escola iniciou a gestação de sua proposta, compactuando no que Alarcão (2007) concebe como escola reflexiva, escola pensante.

A escola reflexiva não é telecomandada do exterior. É auto-gerida. Tem o seu projeto próprio, construído com a colaboração dos seus membros. Sabe para onde quer ir e avalia-se permanentemente na sua

caminhada. Contextualiza-se na comunidade que serve e com esta interage. Acredita nos seus professores, cuja capacidade de pensamento e ação sempre fomenta. Envolve os alunos na construção de uma escola cada vez melhor. Não esquece o contributo dos pais e de toda a comunidade. Considera-se uma instituição em desenvolvimento e em aprendizagem. Pensa-se e avalia-se. Constrói conhecimento sobre si própria. (2007, p.38)

Esta vivência inicial não pode se perder, ao contrário, deve se solidificar no grupo, fazendo parte do projeto da escola. Este projeto, construído no coletivo, contribuirá para o fortalecimento da identidade da escola.

5.3. A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DA ELABORAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Outro aspecto que suscitou esta pesquisa foi o papel da coordenação pedagógica neste processo de elaboração da Proposta Pedagógica de uma Escola Municipal de Educação Infantil. Procurei contribuir com o processo, mas sempre tendo o cuidado de não me colocar como o centro desta caminhada. A intenção sempre foi que a equipe diretiva sentisse confiança e segurança em ser a referência para o grupo. No meu diário de bordo construído durante a pesquisa, há alguns registros neste sentido, da necessidade de incentivar a equipe diretiva, dando-lhes apoio; das minhas dúvidas, se me manifestava ou não nas reuniões e do desafio de pesquisar o meu próprio trabalho.

No depoimento da diretora e da funcionária da escola foi possível perceber esta questão referente a necessidade do apoio à equipe diretiva. Devido ser uma equipe nova, sem experiência anterior em gestão. Acredito que a coordenação pedagógica tem esta função de responsabilidade com os gestores.

Eu acho que foi muito bom, porque pra nós, sozinhas nós não iríamos estar com ele aqui quase pronto, sem vocês estarem nos auxiliando, nos apoiando, nós não iríamos conseguir em tão pouco tempo. Nós precisamos ter vocês, na orientação. Foi bem bom, acessível e deram liberdade para a escola, foi bem bom mesmo, a ajuda de vocês.



Acho que elas estão bem atuantes, participantes, porque até pra direção é uma proposta nova que tá todo mundo novo nessa escola nova, sendo bem importante a participação delas.



De acordo com Vasconcellos³ (2011)

O Professor Coordenador Pedagógico (PCP) é o intelectual orgânico do grupo, qual seja aquele que está atento à realidade, que é competente para localizar os temas geradores (questões, contradições, necessidades, desejos) do grupo, organizá-los e devolvê-los como um desafio para o coletivo, ajudando na tomada de consciência e na busca conjunta de formas de enfrentamento. O intelectual orgânico é aquele que tem um projeto assumido conscientemente e, pautado nele, é capaz de despertar, de mobilizar as pessoas para a mudança e fazer junto o percurso. Em grandes linhas cabe ao coordenador fazer com sua “classe” (os seus professores) a mesma linha de mediação que os professores devem fazer em sala: Acolher, Provocar, Subsidiar e Interagir.

Vasconcellos contribui com minhas reflexões relativas à atuação enquanto coordenadora pedagógica nesta escola investigada. É possível reconhecer a importância dessa atuação como motivadora e mobilizadora do grupo e as quatro ações citadas: acolher, provocar, subsidiar e interagir com certeza definiu o trabalho que procurei realizar. O primeiro passo, com certeza foi **acolher** e conhecer o grupo que estava se constituindo. Após conhecer o grupo, durante as reuniões e visitas de acompanhamento nas salas, foi importante **provocar** e/ou **desestabilizar** a fim de

³(http://www.celsovasconcellos.com.br/index_arquivos?Page4256.htm)

sentirem o sentimento de falta e a necessidade da busca em relação ao conhecimento. A ação de **subsidiar** ocorreu através do apoio e pelos estudos propostos. Já em relação a **interagir**, compreendo que fez parte de todo o processo, sempre com respeito, sendo um dos fatores que contribuiu para que todos participassem.

A seguir cito dois depoimentos referentes à atuação da coordenação pedagógica:

Ai, eu vou te dizer assim, que quando me disseram que nós seríamos responsáveis pela construção do PPP eu me assustei. Porque eu achei que nós teríamos que buscar tudo por nós. E assim eu gostei, porque primeiro, quando tu trouxe a proposta, eu pensei, ai meu Deus, nós não vamos terminar este PPP nunca, porque parecia que tava sempre tão longe, tão longe, mas quando chegou lá na metade eu entendi, que foi necessário todo um processo, um estudo, uma fundamentação e que foi importante. Se nós começássemos tipo, sentar e escrever sem nenhuma base, não teria funcionado eu acho que foi bem importante o norte que vocês deram. Não vou te mentir que no começo eu pensei, ai não vai dar certo.... Sabe a gente quer partir logo pra prática, ai eu pensei, não vai dá tempo, não vai dá tempo, claro, foi um pouco de ignorância minha, porque eu não tinha noção de onde partir, sabe. E a impressão do começo é que não ia chegar ao fim nunca. Depois, quando nós lá na metade, eu comecei a entender o mecanismo da criação. Nunca tinha participado disso, não sabia como era. Bem importante. E foi muito legal, porque ao mesmo tempo em que vocês deram o norte vocês não interferiram nas nossas colocações, aceitaram as colocações que vieram, sabe. Porque eu achei que vocês de repente, é a identidade, mas que de repente vocês iriam, ah isso não cabe, mas em momento algum... Foi fechada, sem identidade. E foi um pouco de ignorância da minha parte porque eu nunca tinha passado por este processo. Eu lembro que na faculdade a gente foi em algumas escolas, estudou alguns projetos, mas tipo, tava pronto, a gente não interferiu nele.



Olha, eu, assim, oh, eu não sei direito como é feito esta proposta, como seria o modelo ideal de fazer esta proposta sabe, então eu sou meio suspeita de falar sobre isto, porque não sei como seria o modelo ideal, mas eu acho assim, que se a coordenação pedagógica não participou mais é porque não pode, eu acho que poderia participar mais de corpo presente, sabe, mas se não teve esta participação maior é porque o tempo foi curto, né, até porque a gente não teve o ano todo tivemos um pouco mais de meio ano pra fazer a proposta, mesmo assim acho que foi legal,... Bem grandiosa, que participou de tudo, né (Mas na participação das reuniões, dos encontros de estudo?). Isto sempre tiveram presentes, participando junto, que nem eu disse, explicando o que a gente tinha dúvidas, se a gente fazia um trabalho e não ficava bem de acordo nos auxiliavam, e nesta parte, muito boa, sempre tiveram presentes.



No primeiro depoimento pode-se perceber duas questões interessantes, uma diz respeito ao “*processo de criação*”. Foi visível no grupo a ansiedade de querer partir logo para a escrita, mas a partir do momento que os elementos da Proposta foram apresentados e a organização dos grupos foi iniciada, constatei mais tranquilidade neste processo.

A outra questão é relativa à concepção referente à atuação dos profissionais vinculados a SMED, ainda circula na visão de alguns educadores que não é dado autonomia para as escolas na construção das propostas. Uma das professoras da equipe expressou que “*imaginava que viria um documento quase pronto*”, e em seu depoimento, é possível perceber sua surpresa pelo modo como foi construído, através da participação efetiva de todos da escola.

No segundo depoimento a educadora manifesta o desejo da coordenação se fazer mais presente na escola, mas compreende que há mais escolas para atuar e acompanhar. Esta questão sempre se destaca no âmbito da coordenação pedagógica da secretaria devido às dificuldades de conciliar o tempo em todas as escolas da rede, dando a atenção necessária para cada educador e gestor.

É importante destacar que na concepção da coordenação pedagógica da secretaria a sustentação teórica era um elemento fundamental para apropriação do grupo das concepções que referenciam a Educação Infantil e as especificidades do trabalho com os bebês, neste sentido durante o processo foi proposto muitos encontros de estudo, com leituras prévias, discussões e reflexões, sendo alguns desses momentos embasados nos encontros de acompanhamento e assessoramento técnico pedagógico realizado pela UFSM, que de maneira positiva veio a somar e contribuir com todo este processo vivenciado na escola.

Sendo este um dos objetivos deste projeto desenvolvido pela UFSM, promover a formação continuada na construção da Proposta Pedagógica visando a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil(2009), nesta escola posso afirmar que isto aconteceu, as DCNEIs (2009) foram a base de todo o processo de estudo e construção da Proposta Pedagógica.

Sobre os estudos teóricos realizados também questionei as entrevistadas:

Muito bom. Que nem eu disse, pra mim foram excelentes, porque aprendi muito com isso, não sabia nada, e fiquei sabendo, em questão de seis, sete meses. Eu aprendi muita coisa, muita coisa importante, vários temas, e temas assim muito importantes, que de uma coisa assim. Abriu-se um leque de coisas pra mim, de um assunto, abriu-se um leque de oportunidades, de coisas que eu poderia fazer diferente, tá mais. Eu tô trabalhando desse jeito, ah, então não é bem assim do jeito que eu to trabalhando, mudar um pouquinho sabe, essa parte pra mim, vários temas, várias discussões que a gente teve conversas, muito legal esta parte.



Eu acho que foi bem interessante, mas eu acho que a gente poderia continuar estudando, sabe. Porque foram materiais que a gente teve acesso, como eu vou te dizer, tu lê uma vez o texto, agora se tu lê de novo, lê outras coisas relacionadas, amplia o olhar e tira outra conclusão. Às vezes tu passa o texto, foi o que aconteceu comigo, li o texto e trouxe para discussão, não estudei, não aprofundi muito. Acho que às vezes tu lê e não entende direito, agora se tu lê de novo, ou tu lê um outro artigo sobre aquilo, clareia um pouco sabe. Uma falta nossa foi que a gente estudou os materiais que vocês trouxeram, é que era tudo muito novo, de repente se nós tivéssemos por nós buscado outros materiais também teria enriquecido. É que também assim, se for entender, é um pouco de falta de tempo, eu saio de casa às 6 h e volto pra casa às seis e meia. Passo o dia fora, tenho duas escolas, também não tenho muito tempo pra fazer isso, de repente para o próximo ano a gente continuar estudando. De repente uma proposta que a gente tem esse ano, a gente vai ver que se a gente fizer diferente ainda vai ser melhor.



Eu acho que foi bem bom à gente ter estes estudos. Porque tudo foi tudo que a gente usou nestes estudos, a gente tá colocando no PPP, e foi bom pra gente organizar a escola, questão de rotina, espaços e tudo mais, que a gente teve de estudos antes de montar o PPP, acho que foi importante.



Os três depoimentos são unânimes em expressar como foi positivo vivenciar estes momentos de estudo, pois auxiliou no trabalho realizado pela escola e contribuiu com a formação docente. Destaco a manifestação da professora sobre o desejo da continuidade dos estudos na própria escola, a fim de aprofundar os temas e com isso ir qualificando a prática e reavaliando a proposta da escola, evidenciando que o trabalho desenvolvido gerou esta motivação no grupo.

Concordo com Salles e Faria (2012) ao dizer que “os momentos de elaboração, implementação e avaliação das Propostas Pedagógicas constituem processo rico e dinâmico de formação em serviço dos profissionais da IEI.” (p. 49) Cabe a coordenação pedagógica atuar neste sentido, propondo ações que mobilizem e movimentem a equipe da escola a pensar, elaborar, avaliar, reavaliar a Proposta Pedagógica, o currículo, enfim, os documentos que identificam e regem a escola.

Entendendo que o conhecimento está sempre se transformando, não sendo estático, compreendo que a escola deve ter seu próprio projeto de formação continuada, aproveitando as reuniões pedagógicas para estudo e não apenas para assuntos burocráticos, elencando com o grupo os temas mais pertinentes para serem estudados e debatidos. Esta é uma ação também de responsabilidade da coordenação pedagógica, criar estratégias para proporcionar ao grupo, que este se desenvolva e se constitua através dos estudos, reflexões e da produção coletiva.

6. TECENDO POSSIBILIDADES: a partir dos estudos teóricos e do vivenciado durante todo o processo

Ao chegar ao momento de finalizar o trabalho, procurei refletir todas as etapas vivenciadas nesta pesquisa. No início, apesar de sentir muito desejo em realizar a pesquisa devido o tema escolhido, sentimentos de medo e ansiedade por inúmeras vezes paralisavam o meu processo de produção. O olhar atento da minha orientadora foi essencial para prosseguir nesta caminhada e chegar ao fim. Fim, que talvez possa ser um novo começo, pois durante os estudos e reflexões, vi outras possibilidades de pesquisas surgindo e aguçando minha curiosidade, motivando a novas leituras, e quem sabe, ampliando o contato com novos educadores e coordenadoras pedagógicas.

Foi desafiador pesquisar a minha própria atuação profissional, principalmente por ter momentos que eu tinha que agir apenas como coordenadora pedagógica, em outros momentos apenas como pesquisadora e em muitos outros nas duas funções articuladas. Mas apesar deste desafio, este distanciamento muitas vezes foi necessário e permitiu constantes reflexões do trabalho desenvolvido na coordenação pedagógica. Que embora sendo importante esta avaliação constante, nem sempre é possível fazer, em função de estar mergulhada nas demandas emergentes no cotidiano da Secretaria de Educação e das escolas.

Esta pesquisa possibilitou muitas aprendizagens, não só para a equipe da escola, mas também para a minha constituição enquanto coordenadora pedagógica. Conforme Campos e Aragão (2012)

O coordenador tem como núcleo de seu trabalho a discussão, a implementação e a avaliação do que é considerado pedagógico. Precisa do outro para que seu trabalho ganhe visibilidade e sustentação. Não há trabalho de coordenação que seja realizado na individualidade. É no coletivo que o coordenador encontra espaço para a realização de suas funções. (p.41)

Analiso que esta pesquisa e os encontros de acompanhamento e assessoramento pedagógico da UFSM, através do projeto Proinfância fomentaram

significativamente a minha atuação enquanto coordenadora pedagógica. Com certeza as leituras e estudos direcionados para a pesquisa, bem como as dinâmicas, discussões e ações vivenciadas nos encontros de formação com a equipe da UFSM, contribuíram com o olhar que lancei para o coletivo da escola. Até aquele momento minha experiência resumia-se em acompanhar de maneira mais indireta a reconstrução das Propostas Pedagógicas das outras EMEIs do município e após esta atual experiência analiso que poderia ter investido e contribuído de outra forma no momento da reconstrução. É importante poder avaliar nossa própria ação e poder direcionar o trabalho com mais segurança.

Destaco a importância deste projeto de assessoramento e acompanhamento pedagógico desenvolvido pela Universidade, aproximando uma instituição formadora das equipes gestoras e professores de escolas de diferentes regiões, subsidiando a formação continuada e promovendo a troca de saberes e experiências entre todos. Acredito que é uma proposta concreta de políticas públicas voltada para ações das práticas cotidianas de Educação Infantil, visando especialmente a concretização das DCNEIs (2009) no cotidiano das escolas, bem como fomentando a colaboração entre o governo federal e municipal.

Analisando o trabalho desempenhado pela coordenação pedagógica posso dizer que foi de agente de apoio e colaborador, que provocou e motivou o grupo através dos estudos e reflexões realizadas na própria escola. E que desta forma, pode conhecer melhor cada integrante desta equipe, percebendo o potencial de cada um. As entrevistas demonstraram que a coordenação pedagógica foi flexível, e, importante neste processo vivenciado pela escola.

Em relação ao processo de elaboração da Proposta Pedagógica e considerando as análises das entrevistas, compreendo que foi uma experiência muito positiva e destaco dois aspectos essenciais: a construção no coletivo e os momentos de estudo e formação.

Ao me referir a construção no coletivo não me refiro somente à construção da Proposta Pedagógica, mas das aprendizagens da equipe, das constituições dos

profissionais, incluindo a coordenação pedagógica. Já os momentos de estudo e formação foram a base de todo o processo e acredito que teve um significado especial para cada professor e funcionário, pois proporcionou partilhas e reflexões e não foi responsabilidade de um, mas de todos aqueles que constituem a escola.

A formação continuada é uma das estratégias de atuação da coordenação pedagógica e durante o processo vivenciado nesta escola é possível reconhecer a importância de que esta aconteça no próprio contexto da escola.

É tendo em vista essa função que a organização dos tempos e espaços escolares deve ser alinhavada, sempre em busca de proporcionar trocas de saberes entre os participantes, possibilitando que os professores compartilhem conhecimentos, didática de trabalho, atividades com os demais membros da escola, para que os saberes ganhem visibilidade no grupo e não fiquem restritos à sala de aula de cada professor, para que deixem de ser saberes “seus”, individuais, e se tornem saberes do grupo, coletivos, de toda a escola. (CAMPOS e ARAGÃO, 2012, p. 41)

Esta experiência contribuiu para delinear o trabalho da coordenação pedagógica para o ano de 2014. Uma das ações definidas foi incluir no calendário letivo uma parada pedagógica no mês de agosto, onde as escolas irão compartilhar suas experiências, dentro da carga horária de formação, sendo que 10 horas deverão acontecer nas próprias escolas, com temáticas elencadas pela equipe. Neste sentido, destaca-se que cada escola construirá seu projeto de formação, possibilitando que os saberes sejam compartilhados, incentivando que as reuniões nas escolas deixem de ser administrativas e passem a ser pedagógicas.

Além disso, focando no processo de elaboração da Proposta Pedagógica constatei que quando é construída através de um processo coletivo, ela tem muito mais significado para o grupo e desta forma terá um potencial maior de que seja vivenciada no cotidiano da escola.

É possível afirmar que o trabalho de elaboração coletiva, como foi vivenciado nesta escola, envolvendo direção, professores, funcionários, famílias, alunos, se tornou um processo mais trabalhoso, mais demorado, mas com certeza conseguiu expressar melhor a identidade da escola, fazendo um maior sentido para todos. Conforme depoimento da diretora:

Tem que ser a identidade da escola. Tem que ler ele e conseguir enxergar a escola. Eu acho que é isso que a gente quer, enquanto ele não tiver a carinha da escola a gente tem que tá mudando.



A construção da Proposta Pedagógica da escola pesquisada teve seus momentos de fragilidade, incertezas e de dúvidas, talvez se fosse ser revivida hoje, se caminharia de outra forma. Aliás, o caminho que foi trilhado não foi seguido de nenhum manual, ele foi construído pelo movimento coletivo, instaurado na relação dos diferentes sujeitos que integram a escola.

Através da experiência desta pesquisa compreendi que tem alguns aspectos que devem fazer parte do processo: a garantia do diálogo, o respeito de opiniões, o envolvimento e participação de todos, estudo e reflexão, comprometimento, persistência e constante avaliação.

Foi um grande desafio para a equipe diretiva e coordenação pedagógica mobilizar todas as educadoras, funcionárias e famílias neste processo de construção da Proposta Pedagógica, foi preciso ter muita persistência e motivação para promover o envolvimento de todos. Analiso que ainda foi frágil a participação das famílias, que ficou limitada ao questionário e algumas conversas informais. Se faz necessário ter um olhar atento às famílias, que devem ser convidadas e convocadas a participar de diferentes maneiras, sejam elas mais coletivas e/ou individuais, havendo democracia e respeito nas relações estabelecidas. O vínculo e confiança das famílias com a escola somente são construídos se houver proximidade, participação e conhecimento do trabalho desenvolvido.

Com certeza foi gratificante sonhar juntos com a escola que se almeja para atender com qualidade os bebês e as crianças bem pequenas, uma escola que possa ser caracterizada como “escola reflexiva” .(Alarcão, 2007) que pense e

planeje o cotidiano no coletivo da escola a fim de favorecer os encontros, as experiências, as descobertas, os encantamentos e as aprendizagens para as crianças e para os adultos que nela estão inseridos.

Acredito que esta pesquisa, pode contribuir com os estudos referentes à atuação da coordenação pedagógica e com a construção de Propostas Pedagógicas para as Escolas de Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Série Pesquisa, vol.3. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens da creche. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 35, p.85-96, jan/abr. 2010.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article. Acesso em 14 de março de 2012.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação- Uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 2010.

BRASIL. **Proinfância**. Disponível em <http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-apresentacao>. Acesso em 20 de julho de 2013.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE Cidades**. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 16 de setembro de 2013.

BRASIL. **Lei nº9394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 06 de novembro de 2012.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2009.

BRASIL. **PARECER CNE/CEB Nº: 20/2009.** Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2009.

BRASIL. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil- Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares.** Projeto de Cooperação Técnica MEC/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em 23 de abril de 2013.

BRASIL. **O Proinfância no Contexto da Política Nacional de Educação Infantil.** Abril, 2012. Disponível em https://docs.google.com/presentation/d/1qVEWEHeV23pa7aLcKNvNO_N14jPamVuyAFVmeptwHwk/edit?pli=1#slide=id.p13. Acesso em 12 de agosto de 2013.

BRASIL. **Propostas Pedagógicas e Currículo em Educação Infantil: Um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento da política de educação Fundamental. Coordenação- Geral de educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/DPEF/COEDI, 1996.

CAMPOS, Patrícia Regina Infanger e ARAGÃO, Ana Maria Falcão. O coordenador pedagógico e a formação docente: possíveis caminhos. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (org.). **O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 37-55.

FARIA, Vitória Libia e SALLES, Fátima. **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica.** 2 ed. São Paulo: Ática, 2012.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues e MELLO, Débora Teixeira. **Ampliação do acesso à educação infantil via proinfância: análises de uma política pública em colaboração.** ANPAE, 2011. Disponível em

http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/MariaLuizaRodriguesFlores_res_int_GT1.pdf. Acesso em 12 de setembro de 2013.

FOCHI, Paulo. **Mas os bebês fazem o que no berçário, heim?** Documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOBATTO, Carolina. Para além da sala do berçário. **Revista Pátio-Educação Infantil**- p. 12-15, nº 35 abril/junho de 2013.

GOMES, Regina Gabriela. **Concepções, Princípios, Práticas e Reflexões de Coordenadores Pedagógicos das Escolas Municipais de Educação infantil de Novo Hamburgo**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MONTEIRO, Regina Clare. A pesquisa Qualitativa como opção metodológica. **Revista Pro-posições**. Nº5, agosto de 1991, p.27-35.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? In **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento- Perspectivas atuais**. Belo Horizonte, Nov. de 2010.

RANGEL, Mary. Supervisão: do sonho à ação- uma prática em transformação. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**. 6 ed. SP: Cortez, 2007.

RIO GRANDE DO SUL. Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul **Radiografia da Educação Infantil 2013**. Disponível em http://www1.tce.rs.gov.br/portal/page/portal/noticias_internet/Relatorios/Radiografia_Educacao_Infantil2013.pdf. Acesso em: 05/11/13.

ROSEMBERG, Fúlvia. Avaliação de programas, indicadores e projetos em Educação Infantil. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 16. Jan/ Fev/Mar/Abr de 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n16/n16a02>. Acesso em 08 de agosto de 2013.

ROSSI, Fabricia. **A reconstrução da proposta político-pedagógica da educação infantil da rede municipal de Lajeado como processo de formação continuada de e pelos seus profissionais**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **O Professor Coordenador Pedagógico como Mediador do Processo de Construção do Quadro de Saberes Necessários**. Dez. de 2011. Disponível em http://www.celsovasconcellos.com.br/index_arquivos/Page4256.htm Acesso em 14 de outubro de 2013.

VERA CRUZ. **Plano de Carreira do Magistério do município de Vera Cruz**. Lei 2397 de 03 de dezembro de 2003. Disponível em <http://www.veracruz-rs.gov.br/>. Acesso em 29 de junho de 2013.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto (org.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZUMPANO, Viviani Aparecida Amabile e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. A atuação do coordenador pedagógico na educação infantil. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (org.). **O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 21-36.

APÊNDICE 1

Roteiro para Entrevista com os profissionais que atuam na Escola

Apresentação

1. Formação
2. Idade
3. Turma que atua experiências anteriores
4. Tempo no município
5. Tempo na escola

Atuação de 0 a 3 anos

6. Como você percebe o trabalho da escola no atendimento de crianças de 0 a 3 anos?
7. Na turma que atua o que gostaria de destacar?
8. Quais as dificuldades enfrentadas?
9. Você acredita que as especificidades das crianças de 0 a 3 anos estão sendo contempladas na construção da PPP?

Construção da PPP

10. Como você avalia o processo vivido na escola para a construção da PPP?
11. Quais os aspectos positivos e negativos que poderia destacar deste processo?
12. Como você avalia a participação da coordenação pedagógica neste processo?

13. Como você avalia os estudos e reflexões vivenciados durante a construção da PPP?

14. Você consegue visualizar na PPP a rotina, concepções e práticas pedagógicas vivenciadas no dia a dia na escola? Exemplifique.

15. A escola do Pró-infância se diferencia das demais escolas do município. Como você percebe esta construção do PPP para esta escola?

APÊNDICE 2

Roteiro para Entrevista com um representante das famílias

Apresentação

1. Nome
2. Idade
3. Profissão
4. Idade do filho
5. Tempo do filho na escola
6. Como foi a chegada do seu filho na escola? Ele já havia frequentado outra escola?
7. Na turma que ele frequenta o que gostaria de destacar?
8. O que você pensa do atendimento desta escola- atendendo crianças do 0 aos 3 anos?
9. Como você percebe o trabalho realizado pela escola?
10. Você foi chamada alguma vez na escola para conversar sobre seu filho? Sobre o trabalho realizado pela professora?
11. Você participou do questionário enviado pela escola sobre a Proposta Pedagógica? Como foi respondê-lo?
12. Como você percebe a tua relação com esta escola?
13. Como você tem percebido a participação das famílias na escola?

ANEXO